Scott Nicholson

Traduzido por Thiago Ururahy



Páginas Policiais

PÁGINAS POLICIAIS

Por Scott Nicholson

Traduzido por Thiago Ururahy

Direitos autorais© 2011 de Scott Nicholson
Publicado por Haunted Computer Books

Páginas Policiais

1.

Moretz começou a trabalhar em uma quinta-feira, embora o trabalho de verdade só tenha começado algumas semanas mais tarde.

Ele foi o último a se candidatar à vaga de jornalista policial. Nunca o teria contratado se eu não estivesse no final da pilha de candidatos e já me afogando em cansaço. Como editor do *Sycamore Shade Picayune*, se algum dos meus jornalistas falhasse em algum ponto, seria eu quem responderia aos chefões da empresa quando eles chegassem em suas BMWs.

O alto escalão vinha cortando as verbas destinadas a mim havia mais de um ano e os dois lesmas que já trabalhavam aqui quando comecei estavam de pernas para o alto, sonhando com o que seriam quando crescessem. Eu já tinha minha carreira definida: ganhar o Pulitzer e trabalhar no *New York Times*. Exceto pelo fato de estar preso em um jornal da Montanha Blue Ridge, com três edições semanais e uma circulação de 5.000 exemplares, o plano era perfeito.

E foi aí que entrou o Moretz.

Não levei muita fé nele. Ele tinha um portfólio decente como escritor em um jornaleco semanal da Costa Oeste, um desses lixos que resmungavam sobre o desmatamento das sequoias e como Big Sur fora tomada por velhos drogados que cortavam os cabelos e tornavam-se desenvolvedores.

Mas Moretz tinha feito alguns desvios na carreira, de acordo com o currículo. Uma ponta em um restaurante barato em Des Moines, uma lacuna em que ele disse que estava estudando em uma universidade comunitária e um ano tocando a campanha política de um senador derrotado em Orange County, republicano, vale ressaltar. Porém, como a maioria dos verdadeiros jornalistas, Moretz poderia mudar de lado em um estalar de dedos se pagassem mais.

Quando entrevistei Moretz, já tinha me decidido por outro candidato, uma garota de pernas longas cuja tinta do diploma em jornalismo ainda não havia secado. Até já me imaginava oferecendo os benefícios que minha experiência daria a ela.

A entrevista de Moretz foi na sexta-feira, o dia da impressão da edição do fim de semana, o momento mais caótico para o Picayune. Eu acabara de dar boa noite para a matéria, o que não passava de uma expressão falha do mercado, já

que nosso jornal saía ao meio-dia. Meus olhos estavam secos e vermelhos, vítimas de um encontro com a tela do computador que durou até as quatro da madrugada. Pisquei algumas vezes quando Moretz entrou e, então, verifiquei meu PDA para me certificar de que aquela entrevista estava mesmo agendada.

Estava. Que ótimo.

— Olá, Johannes — disse eu, lendo o nome no currículo. Pronunciei “Io-hen”, incerto se era alguma pronúncia austríaca. Alguém com um nome desses devia ter apanhado muito quando criança.

— John — disse ele. Moretz era alto, moreno e até mesmo bonito, se você for um daqueles que curte esse papo. Maxilar definido, um leve cintilar nos olhos escuros, com um corpo de quem tinha jogado futebol americano no colégio, mas trocado tudo pelos calmos domingos em uma poltrona macia. Parecia ter trinta anos, o que não era muito ameaçador, já que eu era um pouco mais velho.

E, afinal de contas, era ele quem estava atrás de um emprego. Não era lá grandes coisas, mas, ainda assim, um emprego.

Folheei as matérias dele. Ele ganhara medalha de bronze em um concurso jornalístico da associação de imprensa sobre uma senhora com mais de trinta gatos. O público do Picayune, como o da maioria dos jornais da região, era idoso, com algum estudo e um tanto conservador. Li rapidamente o artigo e percebi que John Moretz (que assinava John J. Moretz) não usara de sarcasmo, muito menos de comentários ridículos. Uma abordagem imparcial, jornalisticamente verdadeira, justa e equilibrada.

Nada demais. Isso atrairia anunciantes?

— Bem, John, a vaga é para a coluna policial. Desde que cheguei aqui, ainda não tivemos um jornalista policial decente. Gosto da equipe que temos agora, mas eles não sabem ir até o fundo.

E eu estava pegando leve. Westmoreland era um ator amador cujo último grande papel fora de narrador na peça de teatro "Nossa cidade", no teatro da comunidade local. Baker já havia trabalhado no Picayune antes do meu mandato, deu o fora para viajar em turnê com uma banda pop, engravidou a namorada e, como precisava de seguro de saúde, voltou engatinhando com as cordas da guitarra se arrastando atrás dele.

Claro que eu o recontratei. Tenho um coração, apesar de todas as provas em contrário.

— Eu dou conta do trabalho, senhor — disse John.

Pontos para ele. Estudei a expressão dele para ter certeza de que não havia rancor no "senhor". Os olhos escuros continuaram escuros. Não piscaram, não se desviaram, nem mesmo deram a impressão de sorrir. Talvez ele realmente fosse

um bom candidato.

— Nesse emprego, você terá que manter um bom relacionamento com a polícia da região. Não precisa gostar deles, mas terá que respeitá-los. Acha que consegue?

— Claro. — Ele não respondeu "Sim, senhor", o que teria soado como bajulação. Comecei a respeitá-lo mais, principalmente por ele ter me respeitado primeiro. E isso provavelmente significava que ele conseguiria fingir respeitar os policias.

— Temos outros fortes candidatos à vaga, então espero que entenda que essa não é uma decisão fácil.

— Eu sei que você fará o que for melhor para o seu jornal.

O seu jornal.

Ele falou *o seu jornal.*

Ele tinha que acertar meu ponto fraco. Olhei para o relógio. Eu tinha um almoço na Câmara de Comércio. Desde que assumi o *Picayune*, eu engordara mais de dez quilos e a maior parte deles era culpa da Câmara.

Algumas vezes eu me perguntava quem realmente pagava a conta, pois não existe esse negócio de almoço grátis. A não ser que você esteja no ramo jornalístico.

— Seu trabalho parece bom, John, mas terei que conversar com os chefões.

O que era uma grande mentira. Na era das fusões corporativas, periódicos como o *Picayune* não serviam para nada além de abater os impostos e o editor sentava no escritório de canto calculando cortes salariais. A internet estava nos matando, mas éramos teimosos demais para admitir isso.

— Eu entendo — disse John. — Ficarei grato se puder me avisar assim que souber a resposta. Estou procurando um apartamento e tentando definir uma faixa de preço.

Não percebi se era um apelo emocional. Acho que não. As roupas dele eram limpas, mas baratas, a blusa enfiada na calça e os sapatos nem tão gastos. Ele era mais alto que o delegado, o que poderia ser uma desvantagem, mas tinha um jeito que passava confiança.

A polícia de Pickett County era de poucas palavras e não gostava da imprensa, a menos que fossem fotografados com um sorriso ao lado de uma muda de maconha ou parados próximos aos restos contaminados de um trailer usado na produção de metanfetamina. Se John conseguisse bancar o bom sujeito e ainda fazer com que os policiais se parecessem com servidores públicos, talvez conseguisse algumas boas histórias.

Que droga, e eu já estava sonhando com as pernas daquela jornalista.

Chega um momento na vida de um homem em que ele precisa fazer o que é

certo, não importa o quanto odeie. Johnny daria muito mais ao *Picayune* do que a recém-formada daria a mim. Além do mais, na minha idade, tudo que eu conseguiria seriam algumas tristes e raras fantasias.

A verdade dói e ainda dizem que o jornalismo nada mais é do que uma busca imparcial da verdade. Às vezes, odeio ter nascido editor e acredito que devemos sentir pena de todos aqueles que sofrem por causa de um infeliz senso de moralidade.

— Entrarei em contato com você amanhã — eu disse, embora minha decisão já tivesse sido tomada. Eu queria ligar para os outros candidatos antes. Dar as más notícias e convidá-los a tentar posteriormente, caso as circunstâncias fossem favoráveis. Eu planejava ligar para a formanda por último. Talvez convidá-la para tomar um café e conversar sobre o futuro dela.

John e eu apertamos as mãos e foi a última vez que tive notícias dele até quinta-feira. Deixei uma mensagem no celular dizendo que a vaga era dele se ainda estivesse interessado. Ele retornou dizendo que estava ansioso para fazer parte da equipe do *Picayune* e queria me ajudar a levar o jornal ao próximo patamar, blá blá blá, mas precisava tirar a segunda-feira para fazer a mudança.

Depois de uma última rodada de mensagens, mais uma edição do *Picayune*, enfadonha e sem uma gota de crime, chegara às ruas. A primeira página dava destaque a uma foto colorida do prefeito cumprimentando o presidente de um novo banco, um artigo sobre o encontro do corpo de administração da faculdade regional e a votação do comitê de planejamento sobre um complexo habitacional de doze prédios.

Uma chatice até mesmo para quem era citado nos artigos. O sexo e a morte, as duas maiores ferramentas publicitárias de todos os tempos, passaram longe dessa edição. Por Deus, não tínhamos nem mesmo a foto de um cachorro.

Eu sempre chego atrasado às terças-feiras. Eram as manhãs que tirava para mim, quando fazia coisas como dormir, ir à loja de waffles e sondar os moradores. Sou fã de futebol americano, Tennessee Titans. Eles jogaram no "Monday Night Football" e perderam por uma margem de pontos pequena o suficiente para me manter acordado até uma hora da manhã. Não bebo muito, mas futebol e cerveja andam de mãos dadas. Deve ser a tal da lavagem cerebral da mídia da qual ouvimos falar.

Quando adentrei as divisórias de metal do *Picayune*, Moretz já estava no posto dele. Não havia nada em cima da mesa, exceto pelo caderninho aberto ao lado do telefone. O rádio policial encostado na parede do cubículo transmitia o chiado para todo o prédio, com conversas eventuais entre policiais.

Baker e Westmoreland também estavam atrasados, como de costume. Sejamos francos, eles eram da turma da manguaça. Jornalistas são conhecidos

por guardarem uma garrafa nas gavetas de baixo. Já os meus garotos as guardavam nos bolsos das calças. Mas ainda assim somos uma família, até que seja preciso demitir alguém.

Já o Moretz era concentrado. Isso é fácil quando se é calouro sem ter sido ainda maltratado pelo salário. Pelo menos ele tinha um lápis bem apontado e uma xícara de café quente, e o computador não estava com uma página de encontros virtuais aberta. Bons sinais.

— Bom dia, Johnny Boy — cumprimentei-o, embora não fosse a favor de tanta intimidade. Primeiro dia, achei melhor tratá-lo de igual para igual.

— Olá, chefe — ele respondeu. — Consegui um furo sobre uma possível apreensão de drogas.

Assenti com a cabeça. Apreensão de drogas, que máximo. Resumo do crime, segunda página, talvez umas três colunas. Eu precisava de material para a primeira página. — Algo mais?

Moretz se virou e os olhos negros brilharam com uma chama vermelha quase imperceptível. Deve ter sido aquelas três cervejas que bebi além do meu limite de duas. Ou quem sabe algum efeito latente da minha contaminação matinal por biscoitos de linguiça.

— O prazo é hoje à noite? — perguntou ele.

— Podemos segurar as prensas se for algo bom, só teremos que aturar os operadores reclamando. Caso contrário, mande-me por e-mail que vejo amanhã de manhã.

O rádio chiou e o operador, que tinha a voz de um fumante de quarenta anos e ex-funcionário de telessexo, transmitiu um 10-50. No idioma dos humanos, isso queria dizer uma batida de carros com pessoas feridas. Moretz anotou o endereço, deu uma olhada no mapa da parede e sumiu pela porta antes mesmo que eu pudesse perguntar se ele queria que a fotógrafa, Serena Fitz, fosse junto.

Não que fosse adiantar de algo. Fitz tinha um quê de artista, sempre fotografando esquilos enterrando nozes e velhas plantando flores nos jardins. Enquanto ela pensava em "arte", eu pensava em matérias.

Não é à toa que ela se rebelou contra mim. Mas quase todo ano ela ganhava um prêmio para o *Picayune* e sempre ia aos jogos esportivos do ensino médio. O que mais posso pedir de uma fotógrafa na era digital?

Acomodei-me em minha cadeira e comecei a atualizar o site do jornal. O rádio cuspiu um pouco de estática que logo virou um falatório: o 10-50 virara um chamado de emergência. A polícia estava chamando os bombeiros, uma equipe de resgate e ambulâncias. Acima de todas as sirenes ao fundo, uma voz em pânico irrompeu: "Precisamos de ASAS, transporte aéreo".

Transporte aéreo. O negócio era sério.

Ninguém optava por ir ao hospital da região se o ferimento fosse realmente grave. Era melhor pegar um helicóptero até o centro médico a meia hora dali. Por mais difícil que fosse admitir, as chances de um traumatismo craniano sempre me deixavam ansioso.

2.

Moretz voltou duas horas depois, a borda da camisa para fora e a gola amarrotada. Meus outros dois repórteres não tinham dado notícias.

— O corpo era de uma garota — disse ele.

"Corpo?" Eu teria dito "vítima", assim como perpetrador seria "criminoso", mas não estávamos em uma série de TV barata, isso era real, meus olhos estavam queimando e minha pulsação era como pregos em minha têmpora.

— Ela morreu *en route*.

"*En route*"? Não me diga que Io-hen era francês. Aqui na Carolina do Norte ninguém gostava de franceses. Meu público não apreciava baguetes de camisa listrada e boina. Eles gostavam dos eventos da igreja, do obituário, das doações em prol dos animais e de um pouco de carnificina luxuriosa.

Moretz leu no caderninho: — Carleena Whitley, 22, morava na rua Swamp Box 1332, Sycamore Shade.

Whitley. Um nome como qualquer outro, diferente de Carleena. A loira com as coxas inesquecíveis que estudava jornalismo. A que era para estar sentada na mesa do Moretz, enchendo a poltrona com coisas bem mais interessantes, por assim dizer. A jornalista virara notícia.

— Um óbito? — Usei o termo jornalístico para "morte", deixando claro que sabíamos usar essa linguagem. Meus lábios estavam dormentes, mas eu já podia imaginar a matéria.

— Tirei umas fotos com minha máquina — disse Moretz. — Mas não focalizei no corpo.

Aposto que não. Ou ele era gay, ou tinha muito mais ética jornalística do que eu. — Passe-as para a pasta de fotos do computador.

— O álcool pode ter sido um dos fatores.

— Hmm. Talvez vire uma notícia sobre consumo de drogas no decorrer da semana.

— Pode deixar comigo, chefe.

Chefe. Gostei disso. Eu já tinha coordenado três jornais, nenhum diário, mas sempre me vi como Ed Asner no antigo "Mary Tyler Moore Show", o duro porém justo cavaleiro da verdade e da justiça.

Uma carreira temperada com um saudável aumento no contra-cheque, mas com menos cabelos na cabeça. Até chegar ao topo da minha profissão, seja lá qual fosse.

Sempre me vi tendo um ataque cardíaco anunciado em dez colunas de

matéria, porque o jornal sempre deve fazer do editor um "herói da sociedade", embora poucas pessoas fora da Câmara do Comércio me reconhecessem na rua. Mas de nada adianta fantasiar. No jornalismo, o futuro está sempre atrasado e as notícias de ontem já foram esquecidas.

— O paramédico que estava no local me deu uma cópia do relatório — disse John. — Os resultados do exame toxicológico só saem na semana que vem, mas ele disse à boca miúda que saíam chamas azuis do sangue dela, de tão alto que era o teor alcoólico.

— O *Picayune* segue a política de nunca publicar boatos.

— Mas aí ninguém vai saber que tinha álcool na história.

— Não temos nenhuma deixa? Não tinha nada no relatório?

Moretz riu. Um riso torto, medonho, desonesto, igual ao que vejo no espelho quando escovo os dentes. — Eu os vi tirando latas de cerveja do carro. É só deixar que os leitores tirem as próprias conclusões.

Dei um tapinha nas costas do Moretz. Não sou de dar intimidade a outros homens, ainda mais no trabalho, mas eu estava começando a gostar dele. Além do mais, é só jogar um osso uma vez que o cachorro sempre volta para pedir mais.

O resto do dia correu bem. Meus outros dois repórteres voltaram com as matérias, atrasados como sempre. Comecei a trabalhar na edição de quarta-feira, aliviado pela morte na primeira capa. É como dizem por aí: "Morreu? Vendeu!"

Nunca teria imaginado que o bom pudesse ficar melhor. Nos meus seis anos de *Picayune*, usávamos o ouro rubro na primeira página uma vez a cada dois meses, mais ou menos. Normalmente uma fatalidade no trânsito, mas só se tivéssemos a sorte de ouvir no rádio.

A patrulha rodoviária estadual tinha o hábito de permitir que o efetivo perambulasse com os relatórios dos acidentes por dias antes de entregá-los ao comando. Na maioria das vezes, só conseguíamos uma foto dos destroços presos a um caminhão enquanto os paramédicos guardavam os equipamentos.

Descobrir o nome da vítima era um exercício de controle da pressão arterial e isso ficou ainda mais difícil depois das leis federais de privacidade que permitiam a não divulgação de informações relacionadas à saúde.

Essas leis não passavam de uma desculpa para políticos e policiais esconderem mais coisas do público, mas vieram com o nome de "direitos civis" na bula, então a pílula venenosa desceu como água.

Mas, dessa vez, a verdade e a justiça iluminaram o dia.

Na primeira investida, Moretz não só conseguiu o nome e o relatório, mas também esteve no local do acidente enquanto tudo ainda estava fresco. A matéria dele estava repleta de minúsculos detalhes, que fariam com que a história

prendesse a atenção dos leitores: a caneca da Universidade de Carolina do Norte que voara do Subaru no impacto; uma testemunha anônima afirmando que Carleena estava acima do limite de velocidade; uma foto do interior do carro mostrando as latas de cerveja vazias.

E até mesmo a foto de uma única mão branca aberta em meio aos destroços, como se Carleena estivesse perguntando a alguém lá em cima por que tinha que morrer de forma tão trágica e violenta.

Provavelmente não publicaríamos as fotos da cerveja nem do cadáver, mas era bom tê-las por segurança. Eu sempre tentava ficar dentro dos limites do bom gosto, mesmo sabendo que o mau gosto vendia mais.

Fechamos tudo e o *Picayune* estava nas ruas no começo da tarde do dia seguinte. Os jornalistas costumam sair para almoçar depois de fecharmos o jornal, principalmente por estarem com a vista cansada e precisarem de descanso antes de retomar as atividades. O editor dos esportes, Fred Lance, sugeriu o restaurante mexicano *Tres Hombres*, mas ele sempre queria burritos e cerveja importada.

O problema era que a notória e crônica flatulência dele costumava evacuar o jornal em no máximo duas horas depois de voltarmos, então mudei de assunto sugerindo a Waffle House. Moretz nos abandonou, dizendo que precisava dar uma olhada em algo no fórum.

Estava nascendo um novo cão policial. Não se pode abrir mão de um jornalista que troca uma refeição por uma matéria.

Comemos bem na Waffle House, mas descobri que omelete espanhol tem o mesmo efeito tóxico no Lance que comida mexicana. Deve ser alguma coisa com hispânicos. Ele devia surtar quando via um pote de azeitonas ou um clipe do Ricky Martin. Ou talvez qualquer coisa fosse uma desculpa para que ele envolvesse o mundo com aquele odor.

Mas a tarde não foi uma nuvem negra por completo: Moretz tinha marcado outro ponto enquanto estávamos comendo. Eu estava prestes a fechar a porta do escritório e apreciar o ar puro quando ele entrou correndo.

— Morte por drogas, chefe — disse ele.

— Overdose? — Como a maioria dos jornais comunitários, não gostávamos de suicídios. Costumava incentivar outros casos e, embora a imprensa seja conhecida por explorar o que há de pior na natureza humana, tínhamos respeito pelos familiares das vítimas.

Mas, acima de tudo, suicídios não vendiam jornais. Eles apenas deprimiam as pessoas, em vez de fazê-las gastar algumas moedinhas.

— Melhor que isso. Tráfico de drogas que acabou nisso. Tiroteio.

Na primeira história dele. Tive que me segurar para não abraçá-lo. Tive que

me virar para não dar um beijo nas bochechas de Moretz. Tráfico de drogas que deu errado. Investigação de um assassinato. Somente uma coisa poderia melhorar ainda mais a história...

— Ótimo — eu disse, mantendo a compostura editorial. — Tem alguma mulher envolvida? Ou algum bichinho?

— Um garoto da faculdade. Um verdadeiro santinho, de acordo com as testemunhas entrevistadas pela polícia.

— Daqui ou da cidade? — Todo delegado é eleito, então era provável que Hardison saísse em uma foto no local do crime. Já o chefe de polícia de Sycamore Shade era apontado pelo conselho municipal e, sendo assim, teria o cargo para o resto da vida, a menos que fosse pego em atividades ilícitas.

Policiais espertos quase nunca eram pegos, mas davam excelentes matérias quando isso acontecia, estourando as vendas e trazendo prêmios jornalísticos. Não desejo algo assim a nenhuma comunidade, exceto a minha.

— O corpo era daqui, mas o garoto morava na cidade. — Moretz não mostrava nenhum sinal de empolgação. Até mesmo jornalistas calejados ficavam agitados quando se deparavam com um possível furo jornalístico. Mas Moretz estava sério como um palhaço com salário atrasado.

— Quero detalhes — respondi. Não se desperdiça palavras na sala de edição. Elas precisam estar no papel, em vez de evaporando antes mesmo que alguém pague por elas.

Moretz consultou o caderninho. — Simon Hanratty, 22, condomínio Terrace Trace, 2753. Encontrado morto no local com um único tiro na cabeça. Parece que o corpo foi largado em um campo isolado próximo à floresta nacional. A arma do crime não foi encontrada. A vítima ia se formar na faculdade em maio.

— Alguma pista?

— Ainda não. O delegado disse que o caso ainda está sendo investigado e não pode comentar nada a respeito.

— Droga. Ele sempre fala isso, até o último segundo antes do caso ir a julgamento.

Moretz sorriu aquele sorriso torto, como se tivesse comido corvo e gostado do sabor. — Conversei um pouco com ele. Falei que eu respeitava a questão da confidencialidade, mas que o público exigiria respostas. E também disse que meu chefe me mataria se eu não levasse detalhes sobre o caso.

— Você apelou para o sentimentalismo? Ele é o delegado!

— Funcionou — disse Moretz. — Parece que o assassinato foi às nove da manhã. Os vizinhos descreveram como era o carro. Tudo indica que o assassino pegou Hanratty no apartamento dele, levou-o para a mata, matou o garoto e

deixou-o lá. O delegado achou que a imprensa poderia ajudar a espalhar a notícia sobre o carro.

— Uma mão lava a outra.

— E as duas ficam vermelhas.

Fiz uma careta. Não se pode confiar em jornalistas que usam metáforas poéticas. Mas Moretz tinha sido uma benção até então. Eu só queria que essa maré de sorte continuasse. — Certo, vamos preparar tudo para sexta-feira. Às vezes eu gostaria que fôssemos um jornal diário.

— Consigo preparar uns cinquenta centímetros com o que já tenho. É provável que surjam mais detalhes amanhã, se o delegado retornar minhas ligações.

O delegado era mestre em usar a voz passiva, o que enfraquecia e afastava qualquer ação que ele tivesse que tomar. Ele vivia em um mundo onde os erros eram cometidos e as consequências tinham que ser aplicadas quando os responsáveis eram encontrados. Não dava para resistir ao impulso de tornar a vida dele mais difícil ao pedir mais detalhes.

— Vá e não tenha piedade — eu disse.

Moretz se virou para a porta em direção à mesa dele.

— John — chamei.

Ele se virou com as mãos nos bolsos do casaco. Os olhos negros e distantes, vazios como cavernas.

— Você conseguiu duas primeiras páginas em suas duas primeiras edições. Bom trabalho.

Ele deu de ombros. — Foi para isso que fui contratado, não é mesmo?

E saiu pela porta.

3.

Quando a sexta-feira chegou, ele tinha arrancado um pouco mais do delegado. O carro fora descoberto em um estacionamento em Charlotte. Fora da jurisdição, mas, como o caso era local, o veículo acabaria voltando para passar por testes. Conseguimos uma foto da Associated Press, que também publicara a foto que Moretz tirou do corpo coberto por um plástico sujo de sangue enquanto os policiais investigavam o local do crime.

A edição que foi às ruas vendeu seis mil cópias. Nada demais se comparado ao *Washington Post*, mas, se levarmos em consideração o fato de que nossa circulação não passava do quarto milhar, isso era um grande passo.

No sábado de manhã, fui ao restaurante da farmácia para gozar do respeito renovado. O *Picayune* havia se formado das cinzas da Guerra Civil e crescido para se tornar um rival de um jornal simpatizante do sindicato. Nos velhos tempos, não era incomum que uma cidade pequena tivesse três ou quatro jornais, cada um advogando uma causa diferente.

Mais pessoas liam jornal naquela época, apesar de menos pessoas saberem ler. Vá entender.

De qualquer forma, meu jornal tinha uma tradição de orgulho que havia sido meio esquecida na era das fusões da mídia, jornais pela internet, propaganda na TV a cabo local e o poder eterno e inexplicável da estação de rádio AM da cidade, que só transmitia Rush Limbaugh e outros programas prontos, misturados com previsões do tempo e uma ou outra música popular.

Mas o que nenhum deles tinha eram as informações privilegiadas que Moretz havia conseguido. Até mesmo as estações regionais de notícias não tinham muito a dizer sobre a história do assassinato do tráfico de drogas, pois o delegado se recusava a dar informações oficiais.

No restaurante, sentei com o prefeito e um cara que havia feito uma fortuna no mercado imobiliário. O prefeito, Patterson Wilbanks, um nome realmente digno de um prefeito, e o desenvolvedor local, Andy Long, eram fãs do jornal, principalmente porque cada um deles tinha um interesse próprio.

O prefeito contava com aquelas fotos de faixas sendo cortadas aparecendo constantemente na página 16 e Long queria publicidade, mesmo que a maior parte de sua ação viesse da Lista de Craig. Eu suspeitava que Long via o *Picauyne* como um caso de misericórdia, mas toda a misericórdia que conseguíssemos seria bem-vinda.

— Gosto daquele novo repórter — disse o prefeito Wilbanks. Ele estava

comendo ovos com cebola e torradas e tomando café preto. Long, um pouco mais refinado, tinha pedido baguete com geleia, uma tigela de aveia e um copo de suco de tomate.

— Ele tem sido uma surpresa agradável. — É claro, minha análise criteriosa dos candidatos à vaga tinha tudo a ver com o sucesso. A garçonete veio, os olhos inchados dos cigarros e da bebida da noite anterior, e colocou um cardápio aberto na mesa encardida à minha frente.

Long brindou com o suco de tomate na minha direção. — Sou assinante há 35 anos e, antes disso, eu usava a assinatura dos meus pais. As últimas edições foram realmente fortes.

— Obrigado — disse eu, lutando contra o desejo de agradá-lo. Afinal de contas, era para isso que servia a equipe de vendas. Eles que ficassem com dores nas costas de tanto se abaixar para lamber botas. Recebiam comissão para fazer isso.

O prefeito Wilbanks falou enquanto mastigava os ovos. — Acho que seu repórter ouviu falar do acidente na noite passada.

— Acidente?

— Uma ambulância estava correndo para o hospital depois de atender a um ataque do coração e bateu de frente com um Jeep.

Brinquei com o guardanapo e com a louça manchada sobre ele. — Alguém morreu?

— O rádio disse que duas pessoas estavam em estado crítico.

Rádio. E o que o rádio sabia?

Amassei o cardápio, desejando ter uma edição nas ruas antes de segunda-feira. Quando você está no negócio de informações, não há nada pior do que esperar. Coloquei a mão dentro do bolso do casaco, procurando o celular, quando ele começou a vibrar contra o meu peito.

— Com licença, senhores. — Enquanto eles comiam, abri o telefone e disse: — Alô, aqui é Howard.

— Oi, chefe.

— Moretz?

— Espero não estar interrompendo nada. Eu não ligaria no fim de semana se não fosse importante.

Os outros repórteres nunca ligavam no fim de semana. E eu também nunca conseguia encontrá-los quando precisava. A edição de segunda-feira geralmente era meio sem graça porque tínhamos que preparar tudo em uma manhã.

Não só era o começo da semana, e as fontes chegavam atrasadas para trabalhar, mas segunda-feira era um dia comum para feriados, doenças e férias. As chances de receber um telefonema eram quase tão ruins quanto na sexta-feira

à tarde.

— Agradeço o telefonema, John. E aí?

— Talvez você tenha ouvido falar do acidente da noite passada.

— Sim — disse eu, como se tivesse dormido com o rádio da polícia debaixo do travesseiro. Eu gostava de parecer que estava por dentro de tudo. Não estava tanto quanto meus repórteres, então gostava ainda mais quando acontecia. Ou pelo menos achava que sim. Mas o jogo da fazendinha, os e-mails e o romance que eu estava tentando terminar há quase uma década eram prioridade.

— Uma pessoa morreu e a outra provavelmente está bem próxima de ganhar uma etiqueta no pé.

— Que droga. Onde você está?

— No hospital. Vim até aqui para ver como estão.

A garçonete voltou e encheu a xícara do prefeito. Ela olhou para mim impaciente e bateu com a caneta no bloco de pedidos. Ela tinha um leve bigode de meia idade, que ficava mais aparente quando enrugava o rosto. Eu voltei a atenção para o telefone. — Como você conseguiu passar pela recepção? Com as novas leis federais sobre privacidade, eles não deveriam fornecer informações sobre os pacientes.

— A não ser que você seja um membro da família.

Eu não sabia se dava um chute no traseiro dele por arriscar a reputação do *Picauyne* ou se o colocava na lista para receber um aumento. — Você conseguiu chegar até o quarto?

— Cheguei perto o suficiente. Ouvi o médico conversando com um dos parentes de verdade. Traumatismo craniano grave.

Fiquei pensando como revelaríamos a informação sem dizer que havíamos violado as normas de integridade. Espere um pouco. Que ideia era essa, "integridade"? Isso era um jornal, pelo amor de Deus.

— Ok, consiga os nomes e as informações básicas e colocaremos na primeira página. Pena que não temos fotografias da cena do acidente.

— Chefe — disse ele, como se estivesse falando com um idiota. Ou, como idiotas não existiam mais nessa era politicamente correta, com uma pessoa intelectualmente diferente.

— Você tem?

— Cheguei lá 15 minutos depois do acidente.

Será que Moretz tinha um rádio da polícia em casa? Eu bem que tentara fazer com que os outros repórteres carregassem rádios portáteis, do tamanho de walkie-talkies, mas eles se recusaram. Consideraram a ideia como uma versão da prisão domiciliar. — Você tem jeito para esse tipo de coisa — disse eu.

— Eu estava andando na N.C.16 quando vi duas viaturas indo para leste. Uma ambulância vinha logo atrás. Então imaginei que fosse alguma coisa importante.

— Um Jeep, certo? Eles jogam corpos para fora como pipocas em uma panela aberta. — O prefeito e Long haviam esquecido o café da manhã e estavam vidrados no meu lado da conversa.

— É, e eles tinham ferramentas de resgate. Abriram a caminhonete como se fosse uma lata de sardinhas e puxaram os pedaços para fora. Consegui fotos do resgate. Não tem muito sangue, mas sugere uma carnificina.

— Lindo. — Eu queria voltar para o escritório e começar a trabalhar no pacote, mas não vi muita vantagem nisso, pois ainda faltavam 48 horas para a próxima edição. — Pena que não possamos manter a notícia longe do rádio.

— Direi na recepção que a família deseja manter as condições confidenciais até que todos os parentes tenham sido notificados. Se tivermos sorte, podemos conseguir uns dois dias.

— Droga, Moretz, tem certeza de que não foi editor em uma vida passada? Ou quem sabe um espião russo?

— Não faz mal nenhum tomar algumas precauções e sair na frente.

Eu não sabia bem o que aquela frase dizia sobre o estado da mídia. — Está bem, vou separar uns 50 centímetros.

— Certo, chefe. — Moretz desligou e eu guardei o celular no bolso.

Long apontou o garfo gorduroso para mim. — Você sabe de alguma coisa, não sabe?

Calculei se agradar um anunciante valia o risco de ter os detalhes espalhados antes que pudéssemos publicar o furo. Droga, ele nem era um anunciante tão grande assim. E, como qualquer anunciante, viria correndo com o talão de cheques se o público estivesse falando sobre nosso jornal.

— Só algumas pistas — eu disse. — Não teremos nada sólido antes de segunda-feira.

Quase o desafiei a ligar o rádio para ver se ouvia alguma notícia, mas isso teria sido arriscado. Long tinha uma conta na estação AM local e eles o deixavam entrar no estúdio de vez em quando para entrevistá-lo.

Tudo o que o *Picauyne* podia oferecer era espaço de coluna grátis, mas ele tinha que escrever a coluna. Você tinha que realmente detestar uma pessoa para impor uma sentença de redação involuntária e não remunerada.

O prefeito Wilbanks riu como se tivesse entendido alguma piada interna, ou talvez ele só estivesse tendo uma crise de azia. De qualquer forma, perdi o apetite por causa da empolgação.

— Lamento, rapazes, preciso voltar ao escritório. Vocês sabem que as

notícias não dormem. — O que era uma coisa esquisita de se dizer logo depois do café da manhã, mas ambos assentiram como se eu tivesse acabado de entregar tabuletas de pedra do Monte Sinai.

O *Picauyne* aos sábados parecia um necrotério em dia de folga. O lugar era escuro e empoeirado e o ar-condicionado ficava desligado. Ninguém tinha nada a fazer aqui, com a possível exceção de Fred Lance, meio bêbado, com os resultados dos jogos estudantis.

Eu gostava da paz e do sossego. Tinha tempo de preparar o *layout* básico da edição de segunda-feira, conferir o e-mail e as mensagens no telefone e ainda olhar os detalhes das propagandas de biquínis da Sports Illustrated.

Não sou muito fã de computadores, mas acho que é uma parte importante dos direitos de ir e vir. Pelo menos é o que digo a mim mesmo.

Eu estava passeando em um site com palavras-chave que não podiam ser impressas em uma publicação aberta quando as luzes do corredor acenderam. Cliquei em uma página inocente, que passaria em qualquer inspeção dos chefões puritanos, e fingi estar ocupado com a papelada.

Moretz passou pela minha porta e levantou dois dedos que, há algumas décadas, seriam um sinal de paz, mas que, hoje em dia, podiam muito bem significar tesoura-corta-papel. Ele sentou no computador e inclinou-se sobre o teclado como se estivesse em busca de algum prazer sexual. Não que eu estivesse falando por experiência própria, é claro.

Repassei algumas cartas ao editor. Ruby Wallace havia enviado a última história sobre conspiração do governo, tão confusa que não dava para entender se ela estava a favor ou contra a administração atual, mas que provavelmente envolvia alienígenas de alguma forma, pois ela os vira posando com Clinton na capa do *The Weekly World News*.

A essas alturas, todos sabiam que Clinton devia estar sob a influência de poderes celestiais, caso contrário, o mercado de ações não teria subido tanto durante o mandato dele nem teria caído tanto depois que ele se envolveu em alguns negócios milionários. Em "O Mundo de Acordo com Wallace", os grandes governos são inimigos de Jesus Cristo e coitado de quem duvidasse.

Por sorte, o jornal tinha uma política de exigir um período de duas semanas entre as cartas, portanto, coloquei Ruby na pasta "Reter".

Moretz veio até a porta do meu escritório e ficou parado como um mensageiro militar. Normalmente, gosto que meus repórteres mantenham as linhas de comunicação abertas, pois eles tendem a ser lobos solitários em um emprego que servia ao rebanho comum e que não gostava da expressão individual.

Mas Moretz estava começando a me incomodar um pouco. Não que ele

quisesse minha aprovação ou meu reconhecimento. Eu tinha a impressão de que ele servia a uma finalidade maior, que aqueles de nós que queriam um contra-cheque decente, talvez uma promoção algum dia, não conseguíamos saber.

— Tudo em cima, Moretz? — disse eu, usando uma gíria antiga e barata.

— Definitivamente em cima — disse ele, olhando para mim por baixo daquelas sobrancelhas estilo Antonio Banderas. — Consegui a história sobre o acidente e mais um possível caso de ofensa sexual.

— Ofensa sexual? — Eu olhei para a tela do computador, tentando lembrar se tinha excluído o histórico de acesso aos sites.

— Olha isso, um cara de Sycamore Shade acabou de ser preso por estupro e exploração de uma menor.

— Ótimo, mas isso não é tão incomum. De vez em quando aparece um caso desses.

— Com vídeo?

— Do que você está falando, Moretzy?

— O cara filmou a si mesmo com uma jovem. Mais de uma vez, de acordo com o mandado. A polícia pegou sete horas de fitas.

— Jesus, Maria e José, não está me dizendo que conseguimos um circo pornô amador?

Moretz riu como se tivesse comido o gato que comeu o rato. — Pelo jeito, o cara é um grande pervertido. Melhor ainda, acho que você vai reconhecer o nome: Wilbanks.

— Wilbanks? O *prefeito*?

— O filho dele.

— De jeito nenhum. Acabei de tomar café da manhã com o prefeito e ele não tinha preocupação nenhuma na vida, exceto talvez ser reeleito no ano que vem.

— Isso foi antes, agora mudou. O mandado tem vinte minutos.

Eu aprendi a admirar a atitude de farejador de notícias de Moretz no pouco tempo que passamos juntos e tinha planejado pedir a ele que desse uma aula sobre como obter informações de fontes. Achei que Baker e Westmoreland podiam aprender algumas coisinhas ou, pelo menos, usar o ressentimento como motivação temporária.

Mas agora estava começando a ver Moretz como uma ameaça ao meu emprego. Tudo o que eu tinha a mais que o resto da equipe, além da idade, era a capacidade de fazer o *layout* das páginas e sabia muito bem que qualquer macaco poderia ser treinado para usar o software. — Como você conseguiu? Esse tipo de coisa não sai no rádio da polícia.

— Eu estava falando com o delegado sobre o acidente quando ele me deu a

dica. Acho que ele gosta de mim.

Moretz não era tão agradável, mas tinha um certo tipo de carisma perturbador.

— Wilbanks? — disse eu, incrédulo. Dizem que o jornalismo deixa a pessoa cínica e que a política aumenta a aposta ainda mais. Mas Wilbanks era um cara tão alegre, com cara de bobo, o tipo que podia bancar o Papai Noel se lhe dessem uma barba de algodão.

Eu não conseguia imaginar o filho dele sendo qualquer coisa menos que uma pessoa cívica e quadrada. Mas, também, dizem que a filha de um pregador nunca espera até o casamento e eu conheci pelo menos uma que fazia jus à reputação.

— Já tenho tudo acertado — disse Moretz. — A única questão é se terei acesso aos vídeos que foram apreendidos. Eles deviam ser considerados como domínio público quando estão descritos no mandado.

— Não podemos publicar esse tipo de coisa.

Moretz ergueu uma sobrancelha de Banderas e disse: — Não é para o jornal.

— Ah. Ok. Quantos centímetros você consegue me dar?

— Quinze, talvez um pouco mais. Vou tentar cavar uma história relacionada, talvez entrevistar a mãe de uma das garotas.

Entrevista com a família da vítima. Uma mina de ouro para qualquer banca de jornais. Fatos eram fatos, mas nada atraía tanto o público quanto uma pessoa enfurecida que não sabia do que estava falando. Bastava ver a popularidade dos tais de "*reality shows*".

Precisávamos que a moldura nos dissesse qual parte era o entretenimento. O verdadeiro ponto era: dê-me dor e lágrimas.

Eu cliquei pelas histórias que os outros escritores tinham enviado. Bazar da Sociedade Humanitária, arrecadação de fundos do Partido Democrático local, chegada dos biscoitos das escoteiras. Sem Moretz, o jornal seria um tédio completo.

O prefeito, a perversão e a indignação moralista surgindo de cada púlpito e agência pública na comunidade garantiria uma história contínua com vários ângulos.

E assim foi. A cada poucos dias, parecia que uma nova atrocidade havia ocorrido. Na quinta-feira, Moretz escreveu uma história sobre um caso de asfixia autoerótica. Os policiais não tinham muita certeza sobre a parte "auto" e estavam chamando-na de "morte suspeita" por enquanto.

Apesar de não escrevermos sobre suicídios, chegava uma hora em que os sinônimos de "enforcamento acidental" acabavam e podíamos citar o delegado

dizendo que a morte estava "sob investigação".

É o tipo de cópia em que você evita excesso de empolgação a todo custo, sabendo que a maioria do público-alvo tentará ler nas entrelinhas e falará sobre coisas que sabem que não deviam mencionar. São histórias de suspense baratas que aumentam a circulação.

No sábado, dois adolescentes afogados foram encontrados no rio Unegama. A especulação era de que o primeiro fora levado pela correnteza e o segundo morrera tentando salvá-lo, mas ninguém queria arriscar a dizer quem era a primeira vítima.

Em tais circunstâncias, só havia uma coisa a fazer: declará-los ambos heróis que, sem dúvida, morreram de forma valente e nobre tentando salvar um ao outro.

E quando o relatório do toxicólogo voltasse sem que houvesse drogas ou álcool envolvidos, a história seria perfeita e galões de tinta seriam gastos. Moretz estava na cena na hora da procura dos corpos e nas cerimônias fúnebres subsequentes na escola.

Outros crimes também aumentaram. Furtos, roubos em lojas, arrombamentos. O relatório de crimes saltara da segunda página para a página oito toda semana. Apesar de as estatísticas criminais terem aumentado, o número de prisões caíra, e Moretz conseguiu algumas entrevistas excelentes com o delegado, completas com uma fotografia que saltava da página sobre candidatos a bandido, assegurando aos leitores que todo o possível estava sendo feito, que talvez alguns erros tivessem sido cometidos, que procedimentos seriam revisados e que policiais seriam responsabilizados.

Estávamos explorando o caso do prefeito em todas as edições e nossa seção editorial teve que ser expandida para três páginas por causa de todas as cartas enfurecidas dos leitores. O prefeito estava sendo pressionado a renunciar por causa do suposto filho pervertido, mas, até agora, ele resistira, com um pronunciamento de que não podia abandonar o cargo enquanto o crime estivesse aumentando.

Até fizemos uma edição especial sobre nossa pequena onda de crimes, com a página da igreja cheia de discursos sobre o rompimento da família tradicional e alguns gráficos comparando nossos índices de mortes com os de outros condados próximos.

A empresa teve que aumentar as prensas, pois estávamos rodando o dobro da tiragem normal. As vendas de anúncios estavam no auge. O editor, um sujeito com cara de morsa e que havia se casado com a empresa, saiu do escritório de canto, como um urso saindo da hibernação, e imediatamente comprou um Porsche novo.

4.

Justamente quando as coisas não podiam ficar melhores, Moretz trouxe o caso da primeira vítima do Cortador Rebelde. Ninguém sabia que era a primeira vítima de um assassino em série, é claro, e o apelido de Cortador veio mais tarde, depois de um certo implemento ter sido vinculado ao crime.

O corpo foi encontrado sob uma canoa no parque estadual, perto da doca onde os guardas-florestais alugavam barcos por hora para turistas que queriam remar no lago. O corpo era de uma mulher, vinte e poucos anos, parcialmente nua. Os guaxinins haviam roído pedaços da carne macia. Aparentemente, alguém havia batido nela com um remo.

Moretz capturou o horror em toda sua glória digital. Ele deve ter chegado lá logo depois do telefonema para a emergência, antes que a muralha de fita amarela arrancasse do público o direito constitucional de bisbilhotar.

Em um golpe de sorte, ele estava fora em uma missão naquele lado do condado, cobrindo uma violação de um lençol freático, em que um fazendeiro havia cavado o córrego sem permissão, deixando a água marrom e incomodando os turistas de verão que exigiam uma vista perfeita da segurança dos carros.

— Um presente adiantado de Hanuka — dizia o e-mail que acompanhava o arquivo anexado da história. Moretz sabia que eu era um católico relapso fingindo ser taoísta. Mas, naquele momento, eu teria virado um satanista se o diabo vermelho continuasse a me fornecer material explosivo para a primeira página.

Tivemos que amenizar os detalhes grotescos, é claro, o que foi um golpe no meu ego, pois a natureza sensacional da história trouxe repórteres de vários dos diários da região. Eles não tinham tais restrições e, de alguma forma, o fato de estarem levando as notícias a dezenas de milhares de pessoas os deixava menos responsáveis que o *Picauyne*, que fingia se importar com a comunidade.

O cínico dentro de mim, que está a alguns milímetros abaixo da superfície, não importa onde você arranhe, chamaria isso de hamburguerização da mídia, a chapa sem a carne, a corrida por popularidade.

O assassinato era tão importante que visitei a cena pessoalmente, mas havia muito pouco para ver além de alguns investigadores trabalhando no local. O parque era propriedade estadual e o SBI tinha alguns agentes complicando as coisas.

O lago era cercado pela floresta, criando um local excelente para matar alguém, mesmo que isso fosse apenas minha opinião. Bastava golpear,

estraçalhar ou estrangular e você poderia seguir pela margem até uma das pequenas grutas, subir em uma bicicleta e descer uma das trilhas sinuosas, ou simplesmente se enfiar entre as árvores densas e correr até a rodovia a poucos quilômetros ao sul.

Estava frio e os repórteres regionais só ficavam ali o tempo suficiente para conseguir uma citação inútil antes de correr para o calor do bar local. Mas uma delas ficou para trás, enfiada em um casaco manchado de café.

O nome dela era Kelsey Kavanaugh, claramente um nome adequado para uma repórter de TV, exceto que não era bonita o suficiente. O rosto parecia um bloco de madeira que recebera alguns entalhes mal feitos.

Eu a conhecera em um banquete de premiação da associação de imprensa, quando ganhei o terceiro lugar por um artigo sobre alfabetização. Minha história era sobre uma senhora de 83 anos que aprendera a ler e finalmente conseguira o diploma na faculdade da comunidade. Era o tipo de matéria que emocionava as pessoas e ajudava-nos a ignorar a sociedade patriarcal injusta, que a havia impedido por tanto tempo de conseguir educação.

Kavanaugh arrebanhara o primeiro e o segundo lugares em notícias de última hora, o que geralmente significava cobertura de um crime ou de um desastre. Havíamos sentado na mesma mesa para o almoço e ela falara da ambição de trabalhar para a Fox News.

Ambição é uma coisa ruim em qualquer pessoa, especialmente em um repórter. Ou talvez eu estivesse apenas com inveja, porque ela tinha capacidade de conseguir.

Kavanaugh estava fumando um cigarro bem longe da cena do crime, batendo um caderninho contra o quadril.

— Então, Howard, parece que você conseguiu um pouco de ação — disse ela.

— As pessoas são iguais em toda parte. E uma certa porcentagem delas é psicopata.

Uma sobrancelha grossa ergueu-se. — Você acha que foi um psicopata?

Recuei rapidamente. — Provavelmente um crime doméstico. Um amante rejeitado, alguém traindo, o normal.

— Assassinato comum, hein? — Kavanaugh fez uma careta. O sol poente através das árvores deixou os dentes dela alaranjados, e o ar estava pesado com a neblina de outubro.

— Claro. Eles acontecem aqui em Sycamore Shade, igual à cidade grande.

— Eu notei. Muitas outras coisas também. Dei uma olhada nos relatórios lá na delegacia.

— É, um incômodo. E também estamos fazendo muito mais matérias

investigativas, então, para quem vê de fora, parece que tem alguma coisa rolando e que as pessoas daqui estão ficando doidas. — Eu estava congelando, mas não queria parecer um fracote e deixei o casaco aberto. Virei e vi alguns policiais circulando o perímetro.

— Esse seu repórter, Moretz. Ele consegue muitas coisas quentes.

— Com uma boa direção editorial, os repórteres têm uma oportunidade de brilhar — eu disse, uma linha que ouvira na escola de jornalismo e que soou como se estivesse dando um tapinha de aprovação em minhas próprias costas.

— Vocês são ótimos em competições de culinária lá no corpo de bombeiros, mas fique fora do caminho quando as coisas grandes aparecerem, está bem?

— Moretz é tão bom quanto qualquer um do *News & Observer* — eu disse. — Só porque temos apenas três edições semanais não quer dizer que somos ralé.

Kavanaugh gargalhou, soando como uma foca latindo. Deixei minha raiva esfriar um pouco. Se perdesse tempo medindo forças com ela, talvez eu perdesse algo que pudesse ser usado nas próximas matérias.

Por sorte, um dos detetives veio em nossa direção, passando por baixo da fita de isolamento. Os detetives do condado de Pickett usavam uniformes, diferentemente do que mostram nos programas de televisão, embora os agentes do SBI usassem roupas comuns. Kavanaugh correu na direção dele com surpreendente graça, mais uma que estava na base da cadeia alimentar do jornalismo.

— Alguma novidade? — perguntou ela.

O detetive deu de ombros. — O delegado fará um comunicado assim que definirmos a jurisdição.

— Você encontrou a arma do crime?

— Não.

— E qual você acha que foi a causa da morte?

Kavanaugh cuspia as perguntas mais rapidamente do que eu conseguia anotar as respostas do detetive. Ele balançou a cabeça. — Você terá que esperar o relatório.

— Então o condado cuidará do caso? — eu perguntei.

— É complicado — disse o detetive. — O Estado tem uma servidão ambiental sobre a propriedade, mas, tecnicamente, ela pertence ao condado.

— O que significa que seremos barrados por pelo menos duas agências — disse Kavanaugh.

O detetive sorriu e deu de ombros, querendo dizer que não podia fazer nada. Ele era esperto o suficiente para ficar calado, como a maioria dos policiais. Era de se espantar que conseguissem resolver algum caso, o que dirá um grande como esse.

Eles tratavam a imprensa como adversários, fornecendo apenas o mínimo de informações exigido pela lei de registros públicos. O jogo era assim há séculos. Pessoalmente, eu culpava Gutemberg.

Para cada pessoa que acreditava no fluxo livre de informações, havia outra que temia informações. E alguns eruditos achavam que controlar as informações seria o próximo passo para a criação de um governo mundial totalitarista.

Aquilo era coisa demais para eu me meter. Tudo de que eu precisava era o suficiente para fazer parecer que o *Picayune* estava fazendo seu trabalho.

— Você confiscou o remo como prova? — perguntou Kavanaugh, aparentemente sem mexer os lábios.

— Que remo? — perguntou o policial.

— A arma do crime.

O policial olhou atrás de mim, procurando alguém superior. — Não posso confirmar nem negar isso.

Kavanaugh rabiscou no caderno com um lápis. Eu podia ver a jogada. Mencionar o remo e deixar o leitor fazer a relação lógica.

Eu não ia permitir que me deixassem de fora. — Uma canoa normalmente teria dois remos, não é, tenente Mathis? — eu disse, lendo a plaquinha de cobre presa no peito dele.

Mathis fez uma careta, as palavras "Sem comentários" escritas nas linhas frias e duras do rosto. Kavanaugh não tinha uma gota de brilho feminino, mas aparentemente eu merecia menos ainda uma resposta.

— Demos ao seu repórter tudo o que tínhamos — disse o policial.

— Podemos ajudar se você nos der uma descrição de pessoas ou veículos suspeitos. — Olhei para Kavanaugh, sorrindo com desdém por causa da única vantagem que tínhamos sobre os grandes jornais.

— Pergunte ao delegado. Acabamos aqui.

Enquanto ele voltava para a cena do crime, alheio a qualquer prova que poderia estar esmagando sob a lama ou entre as folhagens, Kavanaugh terminou as anotações.

— Acho que teremos que esperar o relatório oficial, hein? — disse eu, tentando ser amigável.

— É, claro — ela resmungou.

É, claro. Ela tinha um lápis. Eu tinha Moretz.

5.

Sycamore Shade estava fervilhando com o último homicídio. Nosso editor aumentou a tiragem em mil cópias, que venderam como água. As equipes das televisões chegaram um dia depois, mas tudo o que conseguiram foi uma filmagem entediante do lago e algumas entrevistas na rua, as reações típicas de choque das pessoas que sempre esperam o pior, mas ainda demonstram surpresa genuína quando ele acontece.

Kanavaugh encheu doze polegadas no *News & Observer*, com pouco mais do que nome, graduação e número de identidade, embora o remo tenha sido um belo toque. Não era preciso uma imaginação muito fértil para visualizar um sereno passeio de canoa que se tornou mortal.

Mas até então ninguém tinha colocado um suspeito na cena, embora a opinião pública claramente favorecesse um triângulo amoroso que terminou mal.

Enquanto o delegado continuava com o comentário padrão "Estamos investigando", Moretz trabalhara nos bastidores para conseguir uma entrevista exclusiva com a irmã da mulher morta. De alguma forma, ele ainda a convenceu a tirar uma foto sentada no sofá, segurando lenços molhados e um retrato da vítima. Ouro de primeira página.

Quando a próxima edição chegou às ruas, mandei uma mensagem para Moretz pedindo que viesse ao meu escritório. Embora o cubículo dele fosse na porta ao lado, eu tinha que fingir ser um cara moderno e não gritar no corredor. Esse é um dos desafios do negócio de jornais, adotar a tecnologia enquanto fingia que a tradição era tão importante.

Ele enfiou a cabeça na porta, impaciente. — Sim, chefe?

— Você só está na área há dois meses e já conseguiu que todos os habitantes locais confiem em você. O que quer que tenha, é melhor engarrafar e vender para as escolas de jornalismo.

— Só estou fazendo o meu trabalho.

Dei um tapa na nova edição sobre a mesa. — Isso é melhor do que trabalho.

— Tudo o que fiz foi escrever o que aconteceu e o que as pessoas disseram. O crédito vai para o assassino.

Olhei para ele com os olhos apertados. Jornalistas tinham pouco lugar para sentimentalismo, mas também fingíamos nos preocupar com o público. Não demonstrávamos mais insensibilidade do que o necessário.

— Eu sei que seria melhor publicarmos finais felizes — eu disse. — Mas não criamos a natureza humana.

Os olhos negros dele pareceram absorver as luzes fluorescentes do escritório e a sala ficou um pouco mais escura. Se eu não soubesse, poderia jurar que a temperatura caiu vários graus. — Se pudéssemos contar a história do coração humano, acho que seria melhor desistirmos.

Eu ri, mas com esforço. — Sim. Todo jornalista é um escritor esperando nascer, certo?

— Entendo o que quer dizer. Dê ao público o que eles querem.

— Sim. — A gramática dele estava tecnicamente errada, pois deveria ser "o que ele quer", mas o rosto dele estava tão apático e estranho que eu não ousei corrigi-lo, nem de brincadeira.

— Eles queriam assassinato e conseguiram-no. — Monótono.

— Na hora certa — eu disse. — Você aparece e, de repente, temos uma onda de crimes.

Ele se aproximou da minha mesa, mas não sentou na cadeira de interrogatório. — O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que disse. Você está passando todo mundo para trás. Frank Comstock da estação de rádio, repórteres de todos os jornais diários, até mesmo os blogueiros de fofocas locais.

Abaixei o tom da voz, embora a edição estivesse vazia, exceto por poucos operadores de prensas batendo na parte de trás das máquinas. — Acho que essas coisas acontecem o tempo todo, mas ninguém nunca as relatou.

Moretz se recobrou um pouco e quase sorriu. — Do tipo, se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, ela realmente caiu?

— Mais ou menos isso. Ou o som de uma mão batendo palmas.

Ele piscou. — Não entendi.

— Você está se esforçando bastante, John. Por que não tira o dia de folga?

— As notícias nunca dormem. Além disso, ainda estou em período de experiência.

— Não se preocupe com a papelada. Dou um jeito no seu cartão de ponto.

Nossa diretora de recursos humanos levou o conceito de agressão passiva ao patamar de uma forma de arte, ao ponto de todos terem medo de falar com ela, ainda mais sobre benefícios, fundos de aposentadoria ou licenças médicas. Apenas preenchíamos os formulários apropriados e certificávamo-nos de que tudo parecesse bonito no papel. Depois, seguíamos em frente e fazíamos o que fosse melhor para a equipe.

Eu não era tão tolerante com os outros repórteres. Aliás, nem os havia notado direito nos últimos dias. Eu esperava que o desempenho de Moretz os inspirasse a saírem da mediocridade, mas, pelo jeito, estavam felizes em se recostar e enrolar ainda mais.

— Não posso ficar de folga — disse Moretz.

— Você será pago. Está na folha de pagamento de qualquer jeito. — Repórteres assinam contratos especiais, concordando que poderiam trabalhar em horários malucos devido à natureza do trabalho. Além disso, era incrivelmente fácil demitir funcionários contratados.

— Não é pelo dinheiro. É esse homicídio. Acho que a polícia está escondendo algo de nós.

— Fazemos o que podemos de acordo com o Quarto Poder. Estamos garantindo que os funcionários públicos sirvam ao público.

— É isso que não está me cheirando bem. Um assassino solto no meio dessa comunidade pequena e parece que sabemos mais sobre isso do que qualquer outra pessoa, incluindo a polícia.

— Os policiais podem parecer idiotas, mas eles têm toneladas de recursos. Claro, dificilmente conseguem resolver um caso de invasão, mas quando um caso chega à primeira página, eles têm que prender alguém.

O rádio da polícia na redação começou a fazer barulho e Moretz esticou uma orelha, faminto por uma emergência. A sequência de palavras misturada com estática, interrompida por um código numérico, revelou que os policiais iriam, em dez ou vinte minutos, para um almoço tardio no Aunt Annie, um pé sujo onde ainda se podia flertar com as garçonetes e pendurar a conta se você fosse um cliente regular. Moretz murchou por não ser um crime, como um viciado vendo uma seringa vazia.

— OK — disse Moretz. — Vou trabalhar de casa. Tenho mesmo que dar uns telefonemas.

Ele parou na porta. — Mas me mande uma mensagem se alguma coisa nova acontecer.

— Claro — disse eu, sentindo-me estranhamente aliviado. Tive a sensação de que, se eu o seguisse até o estacionamento, ele desapareceria quando deixasse a propriedade, como se existisse somente se estivesse atrás de uma matéria.

O telefone tocou, minha linha direta, o que significava que era um dos Grandões. — Alô, é o Howard — eu disse, com a voz velada que a maioria das pessoas inicialmente acha que é uma gravação.

— Delegado Hardison — respondeu a voz igualmente velada.

— Olá, delegado, como posso ajudá-lo?

— Essa sua história que acabou de sair no jornal.

Olhei para a edição aberta em cima da mesa: a irmã com o coração partido, a manchete em fonte tamanho quarenta, *Nenhuma Pista Ainda Sobre o Homicídio* e uma pequena foto de Hardison, apenas para lembrar a todos quem era o responsável pela bagunça. — Sim, senhor.

— Aquele seu repórter escreveu sobre como a irmã falou do namorado da vítima. Foram ditas coisas sobre as quais não tínhamos conhecimento.

— De acordo com a história, Jennings não era o namorado, só um cara com quem ela saiu algumas vezes no verão.

— Dá na mesma. Qualquer homem farejando uma jovem coisinha doce que aparece morta é uma pessoa de interesse.

Eu detestava a expressão "pessoa de interesse". Ela fora criada para dar ao Governo a permissão de assediar as pessoas sem a formalidade de chamá-las de "suspeitas". Mas não era a hora, o lugar nem o oponente certos para lutar essa batalha particular. Eu peguei uma frase emprestada de Moretz: — Meu repórter só escreveu o que ela disse.

— Esse é o problema. Ela não se preocupou em mencionar o tal namorado para nós quando a entrevistamos. Faz com que pareçamos como um bando de caipiras burros querendo ser os “Justiceiros Incorruptíveis”.

— Delegado, Moretz o convidou para ir oficialmente sem nenhuma restrição. E você tem meu número direto.

— É uma investigação em andamento.

— Você já tinha dito isso.

O delegado parou e soou como se estivesse cuspindo tabaco. — O público pode dormir mais tranquilo sabendo que há um suspeito sentado na cadeia.

— Mas você não quer qualquer suspeito, quer? Você quer o suspeito certo.

— Howard, você e esse Moretz não estão escondendo nada de mim, estão?

— O que quer dizer?

— Seu repórter parece estar um passo à frente dos meus detetives nisso tudo.

Eu sorri para mim mesmo. — É o que fazemos.

— Não fique fazendo joguinhos. Eu odiaria ter que ir até aí e revirar o prédio depois de receber uma denúncia anônima. Quem sabe o que poderíamos achar.

— Isso é uma ameaça, delegado?

— Não, considere como uma dica anônima para uma notícia. — Ele desligou.

Então o delegado estava lendo nosso jornal assim como todos os outros. Talvez fosse o momento de perguntar ao editor se poderíamos nos tornar um diário. Tudo dependia do quanto ele tinha gasto no Porsche.

6.

Foi a segunda vítima que trouxe à tona o apelido "O Cortador Rebelde".

Duas semanas haviam se passado e os esforços da polícia no primeiro caso tinham se concentrado no misterioso namorado desaparecido. Fizemos nosso trabalho, descobrimos o nome do cara e conseguimos uma foto do rosto, nenhuma passagem pela polícia, apenas mais um recém-formado vivendo entre empregos e perseguindo outras oportunidades na maravilhosa nova economia.

Não reclamei demais por ter feito com que a foto dele se tornasse uma pessoa de interesse, pois Moretz tinha outras notícias de crime fervilhando. As invasões de domicílios estavam deixando o povo inquieto e o delegado havia prendido e acusado dois skatistas punks usando moicanos. Convenientemente para eles, os dois eram menores e os nomes não podiam ser divulgados.

Moretz não estava no escritório quando o rádio anunciou que um corpo fora encontrado, um possível homicídio. Mandei uma mensagem de texto para ele, que respondeu dizendo que já estava na cena do crime. Claro.

Essa vítima também era uma mulher, um pouco mais velha, trinta e poucos anos. Ela foi encontrada no carro atrás do departamento de saúde do condado, a cabeça inclinada para frente sobre o volante. O cachecol havia sido apertado com força em volta do pescoço, mas, fora isso, não tinha ferimentos.

Exceto por estar morta, é claro.

O marido tinha relatado o sumiço dela depois da meia-noite, de acordo com o artigo de Moretz. Dona de casa, sem filhos. Eu estava aliviado pela parte dos "filhos", embora pudéssemos ter espremido algumas polegadas sobre os pesarosos orientadores invadindo uma escola local e protegendo as crianças das duras realidades da vida.

— Queremos colocar a parte sobre os cortadores? — Moretz perguntou, logo depois da prova.

— Cortadores?

— Encontrados na cena. Pequenos cortadores de unha com uma bandeira Rebelde presa no cabo.

— Você acha que é importante?

— Hardison me pediu para manter isso quieto. Eu vi com meus próprios olhos.

— Hmmm. Provavelmente nada. Talvez dessa vez possamos jogar um osso para o delegado para evitar que ele rosne.

— Você acha que significa algo? Algum tipo de simbolismo?

Fiz um gesto com a mão. — Se eles tiverem impressões digitais, talvez. Não acho que um assassino vá se sentar e cortar as unhas de um cadáver para protestar contra a agressão do norte. “O Cortador Rebelde” não está no mesmo time que o Amarre-Torture-Mate ou o Assassino de Green River.

— Mas pode tornar a história mais interessante. — Moretz repetiu a frase em voz alta. —“O Cortador Rebelde”. Soa bem.

— Sim, como Joe DiMaggio era "The Yankee Clipper" no beisebol. Mas não sabemos se é o mesmo assassino e acabamos de prometer ao delegado que ignoraríamos esse pequeno detalhe.

— Desde quando um jornalista mantém uma promessa quando ela atrapalha uma história?

— Bem lembrado. Se nada der errado, colocaremos isso na edição de sexta-feira. Temos três horas antes da hora de rodar. Ligue para alguns caras aposentados do SBI para conseguir uma frase de efeito.

7.

O delegado não ficou muito feliz com a história, mas ela o ajudou de uma forma. O SBI enviou mais dois agentes, o que permitiu que o delegado desviasse parte da culpa pelos assassinatos não resolvidos. Mais voz passiva.

— Houve algum progresso, mas os rapazes do estado me pediram para manter silêncio — disse ele na coletiva de imprensa. — Seguimos algumas pistas, mas isso é tudo o que posso dizer.

Sete jornais estavam representados na sala de conferência de paredes cinza no porão do fórum. Moretz estava lá pelo *Picayune*, é claro, sentado na frente com o *notebook*, e mandei Fitz com a câmera para a foto oficial obrigatória no pódio.

Kavanaugh estava com o toco de lápis riscando no caderno, com o olhar fuzilante voltado para mim por eu ter criado o Cortador Rebelde. Eu imaginava que existia uma regra que dizia que um assassino em série deveria ser nomeado por alguém local, não por alguém que viesse à cidade procurando uma história barata.

Duas das redes afiliadas tinham equipes de notícias à mão e aqueles caras gostavam de dominar a sala, arrumando as cadeiras, ajustando as luzes e colocando câmeras na frente dos repórteres de jornais, que eles colocavam acima apenas dos blogueiros de cinema na hierarquia da mídia.

Três estações de rádio tinham microfones estacionados na mesa em frente ao delegado, que olhava para eles ocasionalmente como se estivessem prestes a borrifar água nele. Hardison estava claramente desconfortável com toda a atenção, mastigando a borda do copo de café de isopor e, em certo momento, deixando um pedaço branco cair dos lábios.

— Delegado! — Kavanaugh gritou assim que ele se levantou para sair.

Ele piscou como se não achasse que alguém realmente pudesse fazer uma pergunta em uma coletiva de imprensa. — Hã?

— O Cortador Rebelde. Você acha que é algum tipo de declaração política?

— O quê? Como um terrorista ou algo assim?

— Um cortador de unhas é uma coisa, mas uma bandeira Rebelde ainda é controversa.

— Assassinatos são controversos — o delegado disse. Bela frase.

Olhei para ter certeza de que Moretz a havia anotado. Poderia ser a única palavra com cinco sílabas que Hardison dissera na vida, embora ele tenha usado apenas quatro dessas sílabas.

— Há alguma coisa que ligue as duas vítimas?

— Ainda não averiguamos se as duas estão conectadas.

— Exceto pelo fato de que as duas foram assassinadas — um dos caras da TV falou, alisando para trás o cabelo com brilho molhado, preparando-se para aparecer na frente da câmera e fingir que sabia mais do que o delegado. Os tipinhos da TV gostam de ser provocantes, na esperança de conseguirem alguns segundos de emoção para os zumbis de olhos vazios na audiência.

— Como eu disse, as cenas foram investigadas e as provas foram coletadas — o delegado disse. — Nada mais pode ser divulgado nesse momento.

Moretz estava ocupado digitando quando o delegado se arrastou para fora da sala. Kavanaugh veio até mim e deu-me uma cotovelada, como se fosse um jogador de rúgbi. — Esse é o seu garoto de ouro?

— Sim — respondi. — Esse é John. Esse caso nos dará uma vantagem nos prêmios da associação do ano que vem.

— Não conte com isso — Kavanaugh disse. — Novatos são ótimos nas ruas, mas cometem erros quando tentam manter o passo calmo e à distância.

— Você veio de Raleigh apenas para juntar milhagem. — Eu não ia deixar que ela me intimidasse, embora o tenha feito, um pouco.

— Não, o chefe me disse para tirar alguns dias e escrever uma série. Falarão sobre isso por todo o estado. Se os policiais ligarem os dois assassinatos, você começará a receber alguns peixes grandes por aqui, Fox News e CNN. Então veremos com que rapidez você e John Moretz serão colocados de lado.

Não gostei do som daquilo, mas era provável que acontecesse. Mesmo um herói local como Hardison teria a cabeça virada pela oportunidade de ir ao ar em rede nacional. Tudo o que eu podia fazer era esperar que o Cortador Rebelde continuasse pequeno, mas ainda vendesse jornais.

— O que me diz de sairmos para jantar e compararmos as anotações? — eu disse.

Ela fez uma careta. — Isso pode ser perigoso.

— É estritamente profissional. — Testei uma mentira. — Não estamos competindo, já que nossos públicos-alvo não se sobrepõem.

— E Moretz?

— Ele vai cobrir a câmara municipal hoje à noite.

— Bem, você provavelmente sabe mais do que está colocando no papel.

— Na verdade, menos.

Ela torceu o nariz.

— É brincadeira — eu disse. Aqueles repórteres de cidades grandes levavam tudo a sério demais.

— Então, onde você acha que ele vai atacar de novo?

— Primeiro, não sabemos se é um assassino em série e, segundo, pode ser algum tipo de coincidência.

— A coincidência é Sycamore Shade ter uma média de um assassinato por ano na última década e, agora, há dois nas duas últimas semanas. E mortes muito mais violentas desde que Moretz chegou aqui.

— Podemos conversar sobre isso tudo durante o jantar.

— Obrigada, mas não confraternizo com o inimigo.

Enquanto saía da sala, um dos cabeças de televisão gritou com ela por ter empurrado a câmera durante a gravação. Ela nem mesmo parou, apenas bateu o caderno contra o quadril alto o suficiente para perturbar o pessoal da rádio que estava no telefone dando boletins ao vivo.

Eu gostaria de poder contratá-la, mas não tinha a menor chance de competir com os salários da cidade grande. Além disso, embora tivesse me dispensado para o jantar, Moretz estava comendo o almoço dela.

E acho que ela não estava gostando.

8.

A Vítima Número Três apareceu boiando dezessete dias mais tarde.

Moretz estava inquieto perambulando pelo escritório, matando tempo com algumas apreensões de drogas, com uma entrevista exclusiva com o marido da segunda vítima e com a acusação do filho do prefeito, na qual Wilbanks alegara inocência e tivera a fiança estabelecida em cinquenta mil dólares.

Kelsey Kavanaugh terminara a série intitulada *Assassino sacode sonolenta cidade nas montanhas* e a vida estava mais ou menos de volta ao normal.

Loraine Shumate, 33 anos, foi encontrada no lado mais distante do lago no parque estadual, a menos de uma milha da cena do primeiro assassinato. Dois garotos com varas de pescar e cigarros encontraram o corpo. De alguma forma, Moretz descobriu e chegou lá antes da polícia e do esquadrão de resgate. Eu havia pedido para verificar a cena do primeiro assassinato e ele deveria estar bem perto de lá quando a chamada foi feita.

A seu favor, ele resistiu ao ímpeto de tirar o corpo da água e revistá-lo, embora tenha tirado dúzias de fotos do corpo com o rosto para baixo preso nos juncos enlameados e um corte medonho no pescoço. Ele também falou com um dos garotos, que perguntou se ela tinha sido morta "por aquele cara Cortador".

A garganta de Shumate fora cortada, provavelmente com uma navalha fina. Ela vestia uma roupa de corrida lilás, os cabelos presos em um rabo de cavalo. Provavelmente estivera correndo nas trilhas na floresta quando o assassino saltou sobre ela, colocou um novo sorriso em seu pescoço e jogou-a no lago.

Começou uma discussão sobre a jurisdição, com Hardison tentando se apossar do caso, enquanto a SBI mostrava a carta de "propriedade do estado" e alegava recursos superiores. O delegado e a SBI gritavam com Moretz, com Hardison ameaçando acusar meu repórter de ter adulterado as provas. Mas Moretz permaneceu ali até que o corpo foi retirado da água e colocado em uma ambulância duas horas mais tarde.

E, o melhor de tudo, ainda tínhamos uma hora até o fechamento.

— Nenhum cortador na cena? — perguntei, cruzando os dedos mentalmente enquanto Moretz entrava no cubículo dele.

— Nenhum até agora.

— O que mais você conseguiu? — Ele havia me enviado alguns detalhes por mensagem, mas seu estilo era segurar as informações até que tivesse fatos suficientes para contar a história.

— Ouvi Hardison dizer para a SBI que a mesma pessoa tinha matado as três

vítimas, mas um dos caras disse que assassinos em série tendem a usar sempre o mesmo *modus operand*. — disse ele, entrando no cubículo e colocando o *notebook* sobre a mesa. — Por ser tão perto da primeira cena, a SIB acha que esse foi um imitador ou, talvez, uma isca para despistar.

— O quê? Uma morte para tirar a polícia do rastro?

— Não. Talvez os dois primeiros assassinatos tenham sido cometidos para acobertar esse último.

— Você conseguiu essa informação oficialmente?

Ele deslizou para trás da mesa e abriu o laptop. — Não, chefe, mas ouvi com meus próprios ouvidos e isso é o suficiente.

Eu estava dando corda para Moretz, mas um pequeno sussurro preocupado ecoava a palavra "ética" no meu cérebro. Depois de entregar os óbitos e a página de quadrinhos, onde a tirinha do Charlie Brown era a mistura comum de quadros aparentemente jogados aleatoriamente, eu precisava de um tapa na cara.

— John, não podemos simplesmente rodar com uma conversa ouvida por alto — eu disse. — Eles têm um suspeito?

— Cerca de uma dúzia. Shumate é uma das herdeiras de Wade Murphy.

— Murphy? O cara dos móveis de metal?

Já tínhamos escrito várias matérias sobre o sucesso da fábrica local, que usou projetos patenteados para criar uma marca moderna de mesas decorativas, cadeiras, candeeiros, acessórios para lareiras, prateleiras para vinhos, candelabros e outras coisas de que as pessoas normais não precisavam.

A questão da história era sempre como a genialidade americana de Murphy tinha acertado a moda que acabou por tirar os outros fabricantes do negócio. Mas, para mim, parecia que ele havia empregado os sólidos ideais americanos de explorar os trabalhadores, produzir barato e colocar contadores para fazer tudo parecer bonito no papel.

De qualquer forma, ele ficou rico o suficiente para abrir três fábricas regionais e era o quarto maior empregador do condado, atrás apenas do sistema educacional, do hospital e do governo do condado. E dinheiro era motivo para assassinato.

— Esse mesmo — disse Moretz.

A coincidência era um pouco demais. — Você não entrevistou Murphy alguns dias atrás para aquele artigo de desenvolvimento econômico?

— Sim. Ele queria que o condado comprasse um lote para um complexo de negócios. Poupar custos com infraestrutura, ele disse, e encorajar toda uma nova classe de empreendedores.

— Não vi essa história na pasta de notícias.

— Eu ainda não a entreguei.

Tínhamos que cancelar aquilo. Não podíamos publicar uma matéria enquanto a sobrinha do homem estava esticada na maca do legista. Ainda assim, eu odiaria perder toda a entrevista.

— Ele por acaso disse algo presciente? — perguntei.

— Presciente?

— Agourento. Como se visse o futuro.

Moretz abriu o arquivo e percorreu as anotações. — Hmm. "Não basta responder a futuras condições, você deve criar essas futuras condições." Este foi um tapa nos comissionadores por cortarem o orçamento do departamento de planejamento.

Balancei a cabeça. — Não serve. O que mais?

— Que tal: "O sucesso é construído com tradição e, se você tira a tradição, é como se arrancasse as pernas dessa cadeira na qual estou sentado"? Este foi um conselho geral para novos empreendedores.

— Publique isso. Mas deixe-me pensar sob o ângulo da conspiração. Não quero ser irresponsável e deixar que nossos leitores pensem que alguém matou Loraine Shumate por causa do dinheiro.

— Chefe, você não pode dizer para as pessoas o que pensar — Moretz já estava digitando, meio que me ignorando.

Tentei imaginar a manchete. *Mulher Encontrada Morta no Lago*.

Sem chamariz, sem vendas. À primeira vista, poderia parecer um afogamento. Não, isso não ajudaria o editor a pagar o Porsche.

Eu tinha que admitir, *Herdeira Morta Em Possível Trama* era um chamariz. Tínhamos muitas lacunas, como descobrir quanto Murphy valia e quanto um parente esperaria ganhar. Também discutimos se usaríamos citações de Hardison ou da SBI, pois, tecnicamente, eles estiveram conversando entre si e não oficialmente com Moretz.

Enquanto eu pensava sobre o assunto, dei uma olhada nas fotos de Moretz da cena do crime para escolher uma imagem para a capa. A primeira chamou minha atenção. Mostrava os dois garotos no lago, um deles apontando para a água com a boca aberta em surpresa.

Eu poderia ter mandado uma mensagem para Moretz, mas queria ver a expressão dele e voltei ao cubículo. Ele estava digitando como um macaco que tentava copiar Shakespeare.

— John, essa foto dos garotos?

— Sim? — ele disse sem levantar a cabeça, a ponta da língua aparecendo entre os dentes.

— Parece até que você estava lá quando eles encontraram o corpo.

Ele parou de digitar e me encarou. — O que você está tentando dizer?

— O primeiro na cena. Todas as vezes.

— Você sabe como isso funciona. Não podemos falsificar fotos, mas podemos falsificar a realidade. Eu organizei essa, pedi aos garotos que me mostrassem o que fizeram quando encontraram o corpo.

— Antes que os policiais chegassem?

— Posso fazer alguma coisa se a disputa de jurisdição retardou o tempo de resposta? E se ela estivesse gravemente ferida e precisasse de transporte?

— É — disse eu, rindo um pouco. — Talvez Hardison devesse colocar você na folha de pagamento.

— Aí eu só poderia contar um lado da história — disse ele, voltando a digitar. — Nós dois sabemos que as coisas nunca são como parecem.

Eu não tinha certeza do que ele quis dizer com aquilo e estava com medo de perguntar. Moretz me assustava bastante.

Voltei para o escritório e terminei de formatar a primeira página. Ficou ótima, uma tonelada de cópias foi vendida nas bancas e provocou o telefonema obrigatório de Hardison para perguntar onde Moretz tinha conseguido aquelas informações.

Mais um sucesso. Então, por que eu estava sentindo o estômago revirando?

9.

Moretz se tornou uma pessoa de interesse pouco antes de encontrarem a quarta vítima. As coincidências se acumularam até um ponto em que nem mesmo Hardison poderia continuar ignorando-as.

Quando Moretz me contou que o delegado pedira uma reunião privada, meu detector de merda começou a disparar. Hardison nunca, em nove anos de mandato, voluntariamente convocara um membro da mídia, com a exceção das raras coletivas de imprensa.

Claro, ele sempre tinha alguém para dar uma dica pelo telefone cada vez que uma apreensão de drogas fotogênica estava programada, mas não passava mais tempo do que isso com a imprensa.

— Você acha que ele vai lhe dar uma exclusiva? — perguntei.

— É possível — disse Moretz, verificando a carga da bateria da câmera digital.

— Mas você esteve um passo à frente do departamento dele o tempo todo. É mais provável que ele queira descobrir o que você sabe.

Moretz quase sorriu, a expressão entre a de um gambá e a de um político preso. — Estamos estragando a imagem dele, não é?

— Ele já ameaçou armar uma cilada para mim.

Moretz me encarou como se estivesse me julgando. Editores de jornais eram como generais de batalha: nunca pediam que os subordinados se atirassem em um trabalho que eles mesmos não fariam. — Vai atacá-lo com isso? Um editorial, talvez.

Eu gesticulei negativamente. — Foi velado. Nada sólido e é a palavra dele contra a minha. Ele está aqui há mais tempo. Além do mais, ele está sob muito mais pressão do que nós.

Aquilo acalmou Moretz, embora os olhos ainda mostrassem a profundeza negra que me gelava até a alma.

— Guarde meu lugar — disse ele. — Vou conseguir uma história, de um jeito ou de outro.

— Ótimo. Se não conseguirmos nenhuma novidade sobre o Cortador Rebelde, teremos que colocar a angariação de fundos da United Way na capa. E ninguém compra jornal para ler sobre caridade.

— Não se preocupe, chefe.

Eu me ocupei diagramando as páginas internas, enchendo primeiro as sessões de negócios e de religião, aquelas maravilhosas matérias do jornal de

sexta-feira que não serviam para confortar os aflitos. Devido a uma queda no servidor, tive que arrumar uma rota diferente para enviar as páginas para os designers e fiquei tão envolvido na tarefa que não percebi que Moretz retornara. Mas a história dele surgiu no repositório de notícias meia hora antes do prazo.

Eu a li imediatamente e enviei uma mensagem convocando Moretz ao escritório. Dessa vez ele se sentou parecendo um estudante emburrado que fora chamado à diretoria por ter colado.

— Meu Deus, John, parece que você foi interrogado! — disse eu.

— Tudo se encaixa — disse Moretz. — Estou ligado a cada um dos assassinatos, sou novo na cidade e, desde que cheguei, a folha de crimes sem solução triplicou.

Eu mesmo pensara naquilo tudo, mas ouvi-lo dizer assim tão calmamente deu a impressão de ser ao mesmo tempo mais plausível e altamente absurdo. — Você sabe o que dizem — eu brinquei. — Assassinato é mais bem feito entre estranhos.

— Eu sou o primeiro suspeito de assassinato na história da mídia impressa a cobrir a própria investigação? Isso é uma violação da ética jornalística?

— Você é inocente, não é? — Era uma pergunta que Hardison aparentemente não tinha feito a ele.

— Sim — disse ele. — E não sou oficialmente suspeito, é claro.

Ainda assim, isso não estava claro no artigo, que pintava Moretz como um homem vivendo sob a nuvem negra da suspeita. Depois de terminarmos a edição, perguntei a Moretz: — Então, que tipo de álibi você deu ao delegado?

— O normal. Trabalhando até tarde, vendo TV sozinho no meu apartamento, saindo para longas caminhadas no parque.

— Minha nossa, isso soa como os tipos de atividades que um assassino em série colocaria no currículo. E imagino que eles tenham provas físicas ligando você a cada um dos assassinatos.

— Bem, eu estava presente em cada uma das cenas, não estava?

— Bem lembrado. Eu não ignoraria a possibilidade de o delegado prendê-lo, mesmo você sendo inocente.

— Claro. Isso tiraria as pessoas do pé dele e ele exporia os caras do estado encerrando o caso enquanto eles continuam dançando em volta do Departamento de Justiça com os problemas de jurisdição. — Moretz soou meio advogado e meio policial, com uma pitada de romancista de mistério e teórico da conspiração.

— E isso venderia uma tonelada de jornais— disse eu ansioso.

— Todo mundo ganha — Moretz concordou. — Eu ainda receberei o salário enquanto estiver sentado na cadeia escrevendo atualizações diárias?

— Há um estatuto que impede um prisioneiro de lucrar com seus crimes.

— Como Lindsay Lohan fez, você quer dizer? Além disso, eu não seria condenado. Sou inocente, lembra-se?

— Você está certo — eu disse. — Não parece justo que todo mundo se beneficie de um crime, exceto o criminoso. O dono de uma propriedade recebe um cheque do seguro, advogados conseguem mais honorários, a polícia consegue horas extras e a mídia vende propaganda com manchetes assustadoras.

Moretz revirou os olhos. — Chefe, você está falando sério.

Dei de ombros. — Estamos aqui para servir ao público.

E vender jornais.

E, se possível, irritar Kelsey Kavanaugh.

Para fazer o plano funcionar, Moretz e eu precisávamos plantar mais algumas provas. Eu não queria deixá-lo em uma situação em que a fiança fosse negada, mas também precisava de alguma coisa séria o suficiente para fazer dele um suspeito legítimo.

Encontrar um par de cortadores de unha na gaveta da escrivaninha dele foi suficiente.

10.

O pessoal da SBI estava meio em dúvida, lembrando que aqueles cortadores de unha comemorativos poderiam facilmente ser encomendados pela internet por $4,95 mais o frete. Além disso, Moretz tinha boa aparência, a despeito daquela escuridão nos olhos que o fazia parecer um pouco selvagem e imprevisível.

Mas Hardison foi adiante. Ele anunciou que "estava investigando mais de perto" uma pessoa de interesse. Kavanaugh soltou a história, relatando que John Moretz fora visto saindo do escritório do delegado.

Eu tive que me conter ao ver isso ser anunciado pela linha da Associação de Imprensa. Eu poderia ter dado o furo de reportagem, claro, mas o tiro teria saído pela culatra. Não, para vender essa história, eu tinha que parecer surpreso.

Até mesmo o promotor público se envolveu dessa vez. Ele era um homem baixo com um bigode de morsa e totalmente fiel ao Partido Republicano. No entanto, ele nunca levava adiante um caso em que tinha chance de perder.

A tática comum dele era fazer uma algazarra, agitar os braços e declarar que o advogado de defesa pedira um adiamento. Como todos os juízes eram republicanos, a papelada sempre ficava adequada e, algumas vezes, eles ficavam meses sem ter que trabalhar.

Eu poderia ter feito um editorial sobre o sistema judiciário, mas ninguém realmente se importava se os tribunais faziam o seu trabalho. Depois de algumas continuações, as vítimas geralmente se cansavam de perder tempo e pediam ao advogado distrital que retirasse as acusações, ou a corte aceitava alegremente um pleito de acordo que geralmente dobrava quando se tornava um acordo civil no futuro.

Para o incidente de Moretz, o advogado distrital até mesmo posou com Hardison para uma foto tirada por Kavanaugh e que foi colocada na sessão de notícias estaduais. O advogado foi citado como tendo estado por trás de Hardison o tempo todo e que estava preparado para prosseguir com a acusação assim que o delegado estivesse confiante nas provas.

Kavanaugh deu o tom da matéria do jeito que Moretz e eu havíamos planejado: um repórter havia se mudado para uma cidade pequena e, ao encontrar sucesso e atenção depois de publicar a história de alguns crimes sensacionais, ficou meio maluco e decidiu aumentar as apostas. Se Moretz tivesse ficado satisfeito com aquele primeiro assassinato, provavelmente teria se safado por um bom tempo, sugeria o artigo de Kavanaugh. Mas, sedento de atenção, ele matou pela segunda vez.

Ainda assim, Kavanaugh escreveu, os investigadores não tinham nada realmente ligando Moretz aos dois crimes, além da coincidência de tempo. Então, veio a terceira vítima e praticamente todos na cidade viraram suspeitos. A cobertura sugeria que a população de Sycamore Shade era um bando de caipiras natos, praticamente analfabetos, e que Moretz nunca teria conseguido leitores sem algumas manchetes chamativas.

O artigo de Kanavaugh não mencionava meu nome, embora ela tivesse feito algumas perguntas para montar a história. Aparentemente, Hardison tinha mantido as cartas escondidas e não dissera a ela quem tinha dado a dica aos policiais.

Tecnicamente, os detetives teriam precisado de um mandado de busca, mas argumentei que a mesa de Moretz era propriedade do jornal e, por causa disso, eu tinha o direito de remexer na gaveta superior. Eu disse a Hardison que estava procurando códigos do rádio quando descobri o cortador embaixo de uma bandeja cheia de clipes de papel dobrados.

Mas Hardison não executou a prisão. Naquele ponto, ele estava contente em implicar que Moretz estava sob constante vigilância. Moretz foi aconselhado a não deixar o condado até que a investigação estivesse concluída. Tais instruções vagas não significavam nada, mas serviram como um bom fechamento para a história de Kavanaugh.

Moretz estava de volta ao trabalho no dia seguinte. Fui forçado a imprimir a história que Kavanaugh escrevera, mas também montei uma pequena coluna discutindo o princípio de "Inocente até que se prove o contrário".

Ninguém realmente botava fé naquela frase. A injustiça fazia parte da experiência coletiva de tal forma que eu poderia facilmente ter colocado o título "Culpado até que advogados caros subornem o juiz".

— O que você quer que eu escreva, chefe? — Moretz perguntou. A mesa dele fora esvaziada pela polícia, mas ele tinha um caderno novo e algumas canetas no bolso.

— É melhor evitarmos que você chame a atenção por um tempo — disse eu. — Há uma competição beneficente de preparo de chili no clube de jardinagem.

Moretz abriu um sorriso. — Nenhuma chance de um pouco de arsênico guardado junto com o cominho e o alho? Ou de algum cortador de unha espalhado entre os utensílios de cozinha?

— Um repórter sempre pode sonhar. Mas garanto que esse será o artigo de bosta mais lido do ano. Você é uma celebridade agora.

— É, uma legítima pessoa de interesse.

Claro, as histórias anteriores de Moretz sobre os assassinatos haviam se

tornado material quente, tanto que o editor deu o passo inédito de disparar as prensas novamente e imprimir novas tiragens de cada uma das edições. Desde que os colecionadores começaram a pedir várias cópias, caso Moretz fosse condenado à morte, a demanda havia chegado no teto.

Ou pelo menos na porta dos fundos. Nelson, o operador-chefe da prensa, foi pego carregando uma pilha para a caçamba da picape. Mas os tempos eram bons e o editor estava rindo à toa. Kavanaugh me enviou alguns e-mails depreciativos, chamando nossa cobertura de "desleixada" e de "jornal de ontem para embalar peixes".

Eu respondi dizendo que ela ficava uma gracinha quando personificava Ann Coulter.

Claro, não havia como Moretz pagar um advogado de defesa com o salário de repórter e não íamos mandar o advogado corporativo para a briga. Até onde o *Picayune* e a empresa matriz entendiam, Moretz não tinha, de forma alguma, agido em nome da profissão no que quer que tivesse ou não cometido. E tenho certeza de que a firma cobrou da empresa um valor alto para dar esse parecer.

O editor perguntou se eu achava que deveríamos deixar Moretz de lado até que a investigação terminasse. A implicação era de que poderíamos ser mal vistos pela comunidade por empregar, ou ao menos tolerar, um criminoso.

Quando mostrei que a circulação aumentara 125 por cento desde a chegada de Moretz, o que significava bônus de desempenho para toda a equipe, ele amoleceu um pouco. Engraçado como a prudência jornalística dá lugar ao peso de um carrinho de mão cheio de dinheiro.

De sua parte, Moretz ficou tranquilo no escritório. Brianna, a recepcionista que anotava os recados telefônicos e classificava os anúncios, piscou os cílios falsos para ele, que não pareceu notar.

Eu não sei. Talvez ele fosse homossexual. Ele nunca disse nada sobre mulher ou filhos e qualquer homem que chegue aos trinta sem história para contar deve ter algo de errado.

Exceto eu, claro. Eu estou muito bem.

Baker e Westmoreland superaram o ciúme o suficiente para darem as boas-vindas a Moretz na turma, até mesmo saindo com ele para almoçar um dia, apesar de não convidarem o cara dos esportes. Pediram dicas a ele e, como resultado, os artigos deles ficaram melhores.

Eu estava quase começando a acreditar nesse negócio de "trabalho de equipe".

Foi quando Kavanaugh me telefonou e aceitou aquele convite para jantar.

11.

A lasanha pesava no estômago quando tomei o chá gelado. Escolhi o Roman Joe, um lugar italiano com toalhas em xadrez vermelho e branco e velas com lâmpadas em formato de gotas. Joe era americano o suficiente para vender cerveja e pizza, mas somava alguns trocados à conta porque, de vez em quando, passeava pelo salão com um acordeão cantando uma versão desafinada de "That's Amore".

Kavanaugh estava tão fria quanto os cubos de gelo que tilintavam em meu copo. Ela comera espaguete e o queixo estava sujo com um pouco de molho de tomate.

— Então, você quer conversar? — disse eu.

— Achei que deveria falar sobre isso com você primeiro, já que nos conhecemos há tempos — disse. Ela estava na segunda Bud Light e pontuou a frase com um arroto.

— Sim. Agradeço o respeito.

— Então, o que sua pesquisa sobre o passado de Moretz encontrou?

— Minha o quê?

— Pesquisa. Você pesquisou sobre ele antes de contratá-lo, é claro.

Mexi os cubos de gelo no copo. — Claro.

— Então você sabe sobre a ficha criminal.

— Tomo mundo merece uma segunda chance. — Eu estava louco para saber sobre o que ela estava falando. Hardison deve ter dado a ela alguma informação por baixo dos panos.

— Um pouco arriscado. Quero dizer, eu consigo entender deixar passar um furto em uma loja ou até mesmo dirigir alcoolizado. Mas agressão física grave é algo bem sério quando você espera ganhar a confiança do público.

— Passado é passado. O histórico profissional dele era sólido.

— Passado *recente*. Ele se defendeu da acusação, pegou seis meses de condicional e 200 horas de serviço comunitário. Esse buraco não apareceu no currículo dele?

Eu não quis admitir que ele havia colocado horas de trabalho em uma publicação a serviço do sistema de seguros de saúde dos Estados Unidos. Presumi que ele recebesse para isso, mas deveria estar trabalhando com a ameaça de cadeia sobre a cabeça.

— Bem, nunca cheguei a pegar todos os detalhes — disse eu.

Roman Joe se aproximou, cheirando a alho, e perguntou como estava a

comida. Kavanaugh disse "excelente" e pediu outra Bud Light.

— Você é um daqueles que nunca vai muito longe sob a superfície — disse ela. — É a marca registrada de alguém como você.

— Alguém como eu?

— Alguém que fica preso em um jornal de cidade pequena. Você luta por uns dois anos, escreve editoriais criticando o conselho da cidade, inicia uma ou outra investigação, mas nada leva a lugar algum. Não recebe nenhuma carta do editor e os cabeças da corporação não defendem você. Nas histórias pesadas, eles enfiam uma faca nas suas costas para ficarem bem com a Câmara de Comércio.

— Você luta bem onde consegue. — Eu esperava que não parecesse que estava choramingando.

— Sim, mas então você se sente confortável. O *Picayune* deveria ser um degrau, mas você não se livrou dele quando deveria. Depois de cinco anos em um emprego como esse, você muda de carreira ou se acomoda. E nós sabemos que caminho você seguiu.

— O que tudo isso tem a ver com John Moretz?

— Mostra como você é mole. Se estivesse em forma, teria botado o cara na parede por ser um condenado. Em vez disso, praticamente estendeu o tapete vermelho. E se, no fim das contas, ele tiver mesmo matado essas três mulheres, então você terá sangue nas mãos.

— Ei, ei, ei. Não comece a acreditar nas próprias matérias. Moretz foi convocado apenas para questionamento. Ele não foi sequer “levado”. Ele mesmo dirigiu até o escritório do delegado e saiu de lá limpo. Se o delegado tivesse alguma coisa, Moretz estaria atrás das grades agora.

— Moretz tem experiência.

— Espere, você está dizendo que ele veio para cá apenas se livrar de assassinato?

— Não, eu acho que ele veio aqui para conseguir um trabalho, misturar-se, construir uma fachada de respeitabilidade. Mas um homem com um passado de violência não se livra disso tão facilmente. Diabos, quem sabe? Ele pode ter sido um assassino em série na Califórnia e apenas se mandou antes que as pistas levassem a polícia até a porta da casa dele.

Eu tinha que admitir, a Califórnia era a capital dos assassinos em série no mundo livre. Mas Moretz, apesar da natureza misteriosa e elusiva, não tinha essa vibração. Eu podia sentir que ele era um barril de pólvora, caso alguém acendesse o pavio, mas tinha lidado com algumas histórias bem estressantes. O caso do pervertido Wilbanks era o suficiente para fazer qualquer um sair da linha, mas Moretz tinha escrito a matéria sem nem piscar.

— Essa prisão dele no passado. O que você descobriu?

Ela sorriu sobre a espuma da cerveja. — Ele quebrou o braço de um homem no trabalho.

— Luta, foi?

— Na verdade, não. Era o editor dele no *San Obispo Courier-Times*. O editor mudou a manchete dele, fez com que a impactante série investigativa sobre a indústria de massagens parecesse uma comédia romântica insosa. Moretz caminhou até lá e enterrou um *notebook* na cabeça dele. Se o editor não tivesse erguido o braço para se defender, Moretz poderia estar olhando para uma sentença por assassinato.

A lasanha parecia um saco de cimento nas minhas entranhas. — Ele é um funcionário exemplar.

— É a melhor fachada para um assassino. É por isso que sempre ouvimos aquelas citações dos vizinhos dizendo “eu nunca teria suspeitado”.

— Se a polícia tivesse alguma coisa contra ele, não o teriam deixado sair do prédio. Aquilo foi só um circo para ganharem algum tempo.

— Foi por isso que você não cobriu o fato?

Foi minha vez de sorrir, apesar de eu ter que me esforçar um pouco. — A circulação está em alta. Nossos leitores são cidadãos informados que respeitam a integridade e os princípios da inocência até que se prove o contrário. Em minha opinião, o *News & Observer* está rolando no esgoto com o *National Enquirer*. Mais um pouco e vocês estarão noticiando o filho bastardo do Tiger Woods.

— Talvez, mas pelo menos nenhum de nós é um assassino. Você sabe o que o Hardison falou que a SBI disse a ele?

— Que rosquinhas deixam você gordo e preguiçoso?

— Esse assassino pode ser um assassino em série, mas não está seguindo o padrão. É como um assassino que não coloca o coração no que faz. Ele não sente nenhum orgulho do trabalho. Aquela coisa do cortador parece um pensamento posterior, como se ele tivesse que inserir um detalhe estranho para ser levado a sério.

— Existem outras formas de fazer isso. Como entalhar as iniciais, roubar as calcinhas ou arrancar um órgão específico. Quero dizer, ele vai sentar no corredor da morte e gabar-se da coleção de unhas?

Ela se inclinou para frente e eu fiz o mesmo. A cerveja estava fazendo um pouco de efeito e o rosto dela relaxou. O candelabro elétrico faiscava nas pupilas grandes. — Você sabe de alguma coisa. Você é um espertalhão.

Eu sorri, um pouco mais facilmente dessa vez. — É parte do pacote. Arranhe um cínico e verá um idealista desiludido.

Ela esticou uma mão, a que rabiscava notas no caderno, e tocou na minha.

Eu não pude deixar de notar as unhas dela. Elas tinham um pouco de farelo das torradas de alho grudado, mas, de resto, eram saudáveis.

Ela curvou os dedos como uma garra e raspou-os nas costas da minha mão, forte o suficiente para deixar traços vermelhos. — Eu arranho você e tudo o que vejo é carne.

Peguei a mão dela e segurei-a gentilmente. — Você não deveria dirigir. Se for parada, terei que colocar sua prisão na primeira página, com uma bela foto do rosto.

— Aposto como diz isso a todas as repórteres.

— Só para as bonitas.

O rosto dela ficou mais leve. Os olhos ficaram mais leves. Os cabelos ficaram mais leves. Devia fazer bastante tempo que ela não ouvia esse tipo de coisa.

Fomos para o meu apartamento, onde algumas coisas ficaram mais leves e outras mais duras.

Coisas da minha vida.

12.

O telefonema sobre o incêndio criminoso chegou cedo na manhã seguinte. Eu estava atrasado, sendo o cavalheiro que era, mas Moretz estava no cubículo dele, como sempre. Ele tinha me enviado uma mensagem, mas eu não ligara o telefone, porque odeio o som do bipe quando estou tentando ser romântico. Mas ouvi as sirenes no caminho e fiquei feliz de ter um repórter no trabalho que não precisava dormir.

Eu só precisava ser sortudo o suficiente para mantê-lo longe da prisão por um tempo.

Moretz me ligou do local quando comecei a diagramar a página do obituário. Óbitos eram um de nossos produtos básicos. Quando alguém morre em uma cidade pequena, pode contar que pelo menos trinta amigos e membros da família compram uma cópia para recortar aquele último artefato público.

Por alguma razão, o Facebook e o Twitter não haviam acabado com esse ritual simples e solene para a maior parte das pessoas. Na morte, ainda tínhamos a palavra final e um cantinho no mercado.

— Uma casa de dois andares, totalmente tomada — disse Moretz.

Tentei não comemorar a perda total. Não era educado. — Alguma morte?

— Nada além de queimaduras leves.

— Ok. — Se alguém tivesse morrido, eu estaria em um conflito. Kavanaugh provavelmente escreveria sobre isso no *News & Observer* e a história dela chegaria às ruas horas antes da nossa edição. Mas ela não cobriria um incêndio comum. Entendi a sabedoria no ditado "Onde se ganha o pão não se come a carne".

— Mas conseguimos um cachorro — Moretz disse.

Morte de cachorro. Todos os contadores de histórias desde a aurora dos tempos entendiam que você nunca matava o cachorro. Imole milhares, arrase a floresta tropical, deixe a raça humana sofrer um holocausto nuclear, mas nunca, nunca deixe o cachorro morrer. Dean Koontz tinha subsidiado uma nova vida ao abraçar esse princípio.

— Não podemos publicar isso — eu disse. O que me não impedia de publicar a sequência, a triste cena do enterro e o pedido apaixonado de doações para o abrigo de animais local em homenagem ao cão.

— Você vai querer essa — Moretz disse. — O cachorro está preso dentro da casa, um dos bombeiros bota a porta abaixo com uma marreta. O cachorro sai latindo e fumegando, eles lhe dão um banho com a mangueira, felizes para

sempre.

Meu coração disparou. — Você tirou fotos?

— É para isso que você me paga tão bem, chefe.

O fogo era material de primeira página, um casal de férias que mal saiu da casa vivo. A casa pertencia a um médico que recentemente perdera a licença por forçar o uso de alguns remédios e diziam nas ruas que ele estava com problemas financeiros. Naturalmente, todos na comunidade acreditavam que ele tinha torrado a própria casa para pegar o dinheiro do seguro.

Mas nós, no negócio jornalístico, diferentemente do sistema judiciário e do tribunal que era a opinião pública, demos a ele o benefício da dúvida, embora gostássemos de sugerir a culpa sempre que isso fizesse as pessoas gastarem as moedas em nossas pequenas caixas de metal.

Uma matéria sobre um "herói anônimo" era ainda melhor que um assassinato. Tinha drama – embora tivéssemos que embelezar o risco dos bombeiros, pois esses caras sempre eram tratados por inalação de fumaça, quer precisassem ou não – e tinha um cachorro. Com alguma sorte, o casal seria jovem e bonito. E a história do médico poderia ser inserida no último parágrafo, junto com o comentário clichê do chefe dos bombeiros: "A causa do fogo está sendo investigada".

Ora, Moretz poderia até mesmo ganhar um pouco de boa vontade com Hardison e os outros policiais. E nós teríamos uma ou duas continuações para recontar as transgressões passadas do médico e sutilmente levantarmos uma nuvem de suspeita.

— Consegue terminar antes do prazo? — perguntei.

— Se eu não for preso antes disso.

— Sim. É difícil digitar de algemas.

— Estamos todos algemados — disse ele. — Elas apenas ficam invisíveis a maior parte do tempo.

Ele desligou com essa. Bela frase.

Liguei para Kavanaugh para ver se estava acordada e dizer a ela onde ficava o café.

13.

Hardison estragou nossos planos ao ser competente, detalhista e capaz de deixar de lado o desgosto pessoal por Moretz e pela mídia.

Resumindo, ele fez o inesperado.

Ele trouxe um suspeito diferente para interrogar. Era o homem que estivera romanticamente ligado à primeira vítima do Cortador Rebelde, aquele que Moretz tinha mostrado ao público e a Hardison. Ele estivera na pequena lista inicial de pessoas a serem interrogadas, mas o segundo assassinato levara a investigação para um palco mais amplo.

O homem, Grayson Jennings, alegou que soubera da morte da mulher e havia contatado a família dela. Ela terminara com ele um mês antes do assassinato, quando ele a retirou de sua lista de chamadas rápidas do celular e foi embora para a praia.

— Uma explicação sensata — Hardison disse, de uma forma que sugeria que a história era um pouco sensata demais.

O fato de Jennings ter voltado era um pouco menos sensato. Ele ligara para o delegado para perguntar se poderia ser de alguma ajuda e o delegado ficou feliz em aceitar a oferta. Kavanaugh deve ter recebido a dica, pois tinha uma foto de Jennings sendo escoltado para a delegacia. Moretz, aparentemente, estava agora na lista "Não telefonar" do delegado, pelo menos como repórter.

Kavanaugh não me contou, provavelmente para se vingar por eu tê-la deixado de fora na história do incêndio, e nosso pequeno namorico esfriou quase tão depressa quanto começou. Quando a história dela saiu, ficamos com cara de bobos.

Na verdade, eu levei o golpe quando o editor me convocou ao escritório dele e jogou o *News & Observer* sobre a mesa que custava quase tanto quanto meu salário anual. Captei a mensagem, que, é claro, significava que eu devia infernizar Moretz por ter perdido o furo.

A mesa dele, que costumava ser limpa e organizada, era agora uma bagunça de marcas de copos de café, pilhas bagunçadas de papel, clipes de papel amassados e discos de computador arranhados. Deslizei o jornal sobre o teclado dele enquanto ele digitava.

— Achei que você e ela estivessem juntos — disse Moretz, tirando os olhos frios e negros do artigo e olhando para mim.

Fiz uma careta. Um jornalista sempre protege as fontes e eu mantivera minha vida amorosa em segredo. Mas não deveria ficar surpreso, dada a

esperteza de Moretz. Ele sabia muito mais do que colocava no papel. — Isso não vem ao caso.

— Não? Ela parece estar recebendo informações privilegiadas.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela incluiu detalhes que você retirou do meu artigo.

— Eu editei para manter a precisão e evitar qualquer problema com calúnia.

Ele jogou o jornal em direção à lixeira, que se abriu como um para-quedas e flutuou até o chão. — E então deu a ela como se fosse chantilly em seus dedos.

— Olha, John, temos uma coisa boa acontecendo aqui. Eu jogo algumas migalhas para ela e consigo o bolo inteiro, sabe o que quero dizer?

— Claro, você está dormindo com o inimigo. E isso é mais importante que a verdade.

— Ei, esse negócio com o Jennings tira você do holofote. Conseguimos o que queríamos com nosso joguinho e agora podemos voltar a rodar edições e vender jornais. Você ainda será uma celebridade até que eles prendam alguém. E, quem sabe, isso pode fazer sua carreira. As notícias se espalham nesse negócio e alguém provavelmente vai roubar você em seis meses.

— Eu gosto daqui — Moretz disse.

Eu balancei a mão. — Somos uma raça moribunda. O jornalismo impresso vai pelo mesmo caminho dos discos de vinil e da música de discoteca. Você cuidará de um blogue ou fará *podcasts* para a internet em algum lugar, o próximo Julian Assange.

— Se os jornais impressos estão morrendo, o que você está fazendo aqui?

Ninguém tinha como responder a essa pergunta. Mas esse era minha única chance e, embora o *Picayune* fosse um jornal de cidade pequena, eu queria um único sucesso para ter o que escrever no meu obituário.

Eu havia revisado óbitos o suficiente para saber que a maioria das pessoas não fazia nada de significativo e que não existiam Prêmios de Conquistas de Vida por ser um ser humano decente. Se você quisesse ser lembrado, tinha que fazer valer seu momento.

Finalmente consegui sair com uma resposta cabível. — Estou fazendo o melhor que posso, é isso que estou fazendo aqui.

— O melhor que você consegue é o segundo lugar.

O rádio estalou e soou uma chamada de acidente com possíveis feridos. Moretz pegou o *notebook* e a câmera. — Com alguma sorte, vou conseguir alguma carne fresca para a primeira página — disse ele.

Quando ele passou por mim, perguntei: — Quem contou a você sobre Kavanaugh e eu?

— Tenho minhas fontes.

Ele saiu correndo e, de certa forma, senti saudades dos velhos tempos quando ele me chamava de "chefe".

14.

Eu estava bravo com Kavanaugh, mas, depois de se enfiar de cabeça, é difícil sair. Ela estava em meu apartamento, contando sobre o interrogatório de Jennings. Em troca, eu enchia o copo dela de uísque.

— Você acha que foi ele? — perguntei, sentando ao lado dela no sofá barato.

— Não importa o que eu acho — disse ela. — E sim o que Hardison acha. Mas, pessoalmente, parece que Jennings não estava por perto quando Shumate foi morta.

Coloquei um braço em volta dela, só como teste. Além do mais, estávamos em novembro e o frio estava chegando. — Quando vão mandar você de volta para Raleigh?

Ela deu de ombros, mas não forte o suficiente para se livrar do meu abraço. — Estão pensando em montar um escritório aqui nas montanhas. Os leitores gostam dessas pequenas colunas policiais dos caipiras.

— Incesto e bebidas ilegais, hein?

— Eles adoram. E não se esqueça dos cachorros. Essa história de "herói anônimo" foi bastante sentimental, Howard.

— Ora, vamos. Pelo jeito como tem glorificado o Hardison, você não pode falar muito.

— Ele é a história. Se isso acabar sendo um caso real de assassino em série, em vez de uma sequência de coincidências, precisaremos de um mastro principal. Nesse momento, é Hardison. Eu poderia publicar sobre Jennings, mas tenho a sensação de que Hardison está apenas dando tiros no escuro, especialmente depois do fiasco com Moretz.

Eu não disse nada. A bebida mantinha minha boca ocupada.

— Mas, se conseguirmos um suspeito real, ele se torna o mastro principal e arrancaremos uma tonelada de polegadas do maldito, a infância infeliz, as conexões com as vítimas, o escândalo do público por ter um monstro em nosso meio. Então vamos para o tribunal e concentramo-nos nos advogados. Se tivermos sorte, haverá uma sentença de morte e encheremos a página do editorial com todo aquele debate moral redundante.

— Parece o suficiente para construir uma carreira.

— Ou escrever um livro policial baseado em fatos reais.

— Mas nem temos certeza de que é um assassino em série.

— Esse é o problema. A SBI não se impôs porque não há uma ligação

suficientemente forte e Hardison não tem nada além de alguns cortadores de unha, uns poucos suspeitos aleatórios e uma pegada de tamanho trinta e nove.

Levantei um dos meus sapatos sujos. — Isso é mais ou menos a média para um homem, o que nos deixa com cerca de três bilhões de suspeitos.

— Se você pensar em todas as possibilidades, pode ligar aquele primeiro assassinato, o caso Hanratty, com a pegada e estará andando em círculos.

— Mas aquele foi totalmente diferente. A vítima era um homem, a morte foi com um tiro. Os outros foram com as mãos. Golpe, estrangulamento, navalha.

A bebida estava fazendo efeito e ela sorriu. — Adoro quando você fala de assassinato.

Os lábios dela tinham gosto de Jim Bean. — Bem — disse eu, quando estava pronto para recobrar o fôlego. — Se acabarem descobrindo três ou quatro assassinos diferentes, também será uma bela sequência.

— Você ainda acha que Moretz está limpo?

— Você mesma disse que Hardison não o teria deixado ir embora se houvesse alguma chance de culpa.

— Hardison não é o cara mais esperto que existe. Ele está evitando a SBI, quando deveria tirar vantagem dos recursos de laboratório que ela tem. Deve ser possível rastrear aquele cortador de alguma forma.

— É um beco sem saída — disse eu, esticando-me sobre ela e, não por acidente, pressionando meu corpo contra o dela. Abri uma gaveta na mesa de centro e mostrei o saco com os cortadores de unha. — Você compra essas coisas como balas. Não são exclusivos o suficiente para pegar um assassino esperto. Imaginei que pudéssemos fazer algum tipo de distribuição comemorativa quando isso acabar.

Ela pegou um e brincou com ele. Os cortadores tinham uma lixa afiada que se abria para que você pudesse terminar o serviço com uma bela ponta regular. — Não vejo por que essa história de “Cortador Rebelde” pegou. Eles encontraram cortadores com o segundo corpo, mas não com os outros. Se não fosse por vocês terem criado esse apelido, os policiais poderiam ter mais chances de lidar com os assassinatos.

— Eu acho que eles encontraram *sim* nos outros dois — eu disse. — E acho que estão escondendo essa informação.

— Você disse que o seu garoto Moretz chegou cedo na cena da Shumate. Ele os teria visto encontrando os cortadores.

— Eles estavam complicando as coisas para ele, fazendo aquela guerrinha de território, violando o direito público de ir e vir o quanto quiser. Eles acham que podem brincar de cabra-cega com um pouco de fita amarela e amordaçar a

verdade.

— Se Moretz estava lá, ele não precisaria plantar os cortadores ou talvez não tenha tido tempo suficiente.

— Você está ficando paranóica — disse eu. — Está passando tempo demais na cidade.

— Isso é um convite para vir morar com você?

— Só por uma noite — disse eu. — De uma coisa você pode ter certeza, não existe futuro comigo.

Ela beijou meu rosto. — Com certeza, senhor Melodrama.

— Só uma coisa antes de irmos para a cama — disse eu.

Ela resmungou impaciente. — Eu tenho um prazo a cumprir de manhã.

— Aqueles pedacinhos que dei a você, as coisas que cortei das histórias de Moretz?

— Ah, por favor, não vai esfregar essas coisas na minha cara, vai? Você já está ganhando o melhor. Não precisa do suborno.

— Estou apenas imaginando se Moretz já nos viu no mesmo lugar ao mesmo tempo, além daquela coletiva de imprensa.

— Quem se importa? Somos adultos.

— Ele pode estar me observando, sabe que estamos juntos.

— Por favor. Chame de “namorando”. Eu sou à moda antiga e gosto de fingir que sou uma dama.

— De qualquer forma, ele sabe de coisas que não deveria.

— É o trabalho dele. Você mesmo disse que ele é bom no que faz.

— Um pouco bom *demais*.

Ela se aproximou um pouco mais, o hálito quente de uísque no meu rosto, o cheiro feminino do campo em contraste direto com as feições severas e o queixo quadrado. — O que, você está com medo de que ele nos pegue e nos transforme nas vítimas quatro e cinco do Cortador Rebelde?

Só a vítima quatro, pensei. Mas não disse isso. Não era romântico.

15.

A verdadeira quarta vítima foi encontrada na tarde seguinte. Peggy McDonald tinha vinte e poucos anos, estava vestida com roupas práticas e tênis, o cabelo preto comprido preso em um rabo de cavalo. Ela seguia para o turno na biblioteca local quando o Cortador Rebelde a fez se atrasar de outra forma.

McDonald morava no centro da cidade e regularmente caminhava quase um quilômetro até o trabalho. Uma parte do caminho passava por um terreno abandonado que continha dois barracos meio destruídos. Era um atalho popular para os habitantes locais e os bêbados ocasionais encontravam refúgio nos barracos em dias chuvosos.

Pelo jeito, o assassino se escondeu nas sombras e pegou-a quando ela passava, enrolando um pedaço de fio de varal no pescoço dela. O corpo foi encontrado por um empregado da cidade que estava mapeando o sistema de esgoto.

Moretz, que estava próximo, no tribunal de justiça, tinha colocado tudo isso no artigo, é claro. E, como que para remover qualquer dúvida de que o estrangulamento era uma sequência do assassinato anterior, o confiável cortador de unha fora encontrado enfiado no bolso de McDonald.

Delegado Diz Que As Mortes Estão Ligadas, dizia minha manchete. Enviei Fitz para tirar uma foto do local onde o corpo fora encontrado, mas Moretz já tinha cumprido o *modus operandi* normal e chegou à cena minutos depois de a chamada acontecer.

Como nosso rádio banda larga monitora todas as frequências de tráfego públicas, em vez de apenas a banda de emergência, ele interceptou o telefonema original do funcionário para o escritório.

Para ganhar alguns pontos com Hardison, eu incluí uma foto do rosto preocupado dele. Houve a guerra de jurisdição normal, pois o corpo fora encontrado dentro dos limites da cidade, garantindo que Hardison teria que brigar com os policiais da cidade e com a SBI durante a investigação, inevitavelmente conseguindo alguma resolução.

Eu poderia ter mudado o mastro principal para o chefe de polícia da cidade, mas o mantive enterrado oito parágrafos abaixo, junto com a fanfarronice obrigatória expressada por um prefeito Wilbanks escandalizado. Como líder, Wilbanks parecia completamente perdido sem um par de tesouras cerimoniais nas mãos, além de ainda estar distraído pelo caso do filho pervertido.

— Você deveria ter ido lá — disse Moretz, o rosto vermelho por causa da

adrenalina ao entrar correndo, embora os olhos estivessem tão frios e negros como sempre.

— Acredito que irei, assim que ler seu artigo. Kavanaugh estava na cena?

— Sim, você devia tê-la ouvido fritando o delegado. Perguntou a ele se era um assassino em série ou o trabalho de um imitador assassino.

— Boa pergunta. Não é “sim ou não”, mas “isso ou aquilo”.

— Hardison mandou o velho “Ainda não tiramos nenhuma conclusão”.

— Vamos seguir com as duas hipóteses e manter o público em dúvida. Nada os fará falar tanto quanto a noção de que pode haver dois assassinos agindo.

— Posso transformar em três assassinos, se você quiser. Também não há nada sobre o assassinato de Hanratty.

Neguei com um aceno. — Coloque isso no último parágrafo só para relembrar ao público, mas aquele caso não se enquadra no perfil de assassino em série que construímos. Consegue terminar antes do prazo?

Moretz concordou com a cabeça. — Engraçado como todos esses corpos continuam surgindo pouco antes de ligarmos as prensas.

Toquei no bibelô de cerâmica com os dizeres "Gênio Trabalhando" sobre a mesa. — Não questione os deuses da tinta e do papel. Apenas contabilize as bênçãos e os números no cheque do pagamento.

Moretz escreveu um artigo novo enquanto Baker digitava uma rápida ordem cronológica dos assassinatos. Ver a lista em tópicos me fez perceber completamente a rapidez com que nossas vidas tinham mudado desde a chegada de Moretz. Claro, ela mudou mais drasticamente para aqueles agora imortalizados como vítimas.

Moretz entregou um esboço de artigo que tinha todos os detalhes estatísticos, mas nenhuma cor. Mandei-o de volta e pedi que ele encorpasse o final, plantando especulações e sugerindo que a força policial estava completamente confusa.

Moretz não ficou feliz com isso. Ele invadiu meu escritório após receber a mensagem com o pedido. No entanto, como eu era o editor e o chefe, aquilo, na verdade, não fora um pedido.

— Chefe — disse ele, a entonação cheia de sarcasmo. — Já fizemos desse jeito e eu quase fui preso, lembra? Foi você quem me deu a aula sobre não editar o artigo da notícia.

— Isso é diferente — disse eu. — Esse é só um caso de dar aos leitores o que eles querem. Que droga, metade da cidade acha que Hardison é um caipira idiota que nunca teria sido contratado para o trabalho se não tivesse sido eleito.

— Ele não vai ficar feliz se você enfiar uma faca nas costas dele de novo.

Kavanaugh já está conseguindo mais informações internas do que eu. — Moretz caminhou até a mesa, os punhos fechados. — Mas acho que você está conseguindo muita coisa interna dela, não está?

— Olha, John, não estou tomando partido aqui. Tenho um dever com esse jornal e com os leitores. Se quisermos continuar sendo a fonte confiável de notícias dessa comunidade, temos que examinar as edições de todos os lados.

Você pensaria que o cara já teria uma casca mais grossa. Não é como se fosse o seu primeiro rodeio. Essas pessoas eram todas estranhas. Veja eu, por exemplo. Depois de formatar centenas de obituários, provavelmente poderia colocar a minha própria avó ali sem derramar uma lágrima.

— Está bem, darei a você umas duzentas palavras — disse Moretz. — Apenas certifique-se de que Kavanaugh não receba uma cópia antes de isso chegar às ruas.

— Isso não é o Facebook. É a vida real.

— É. Vamos torcer para que eles não achem mais nenhum cortador de unha Rebelde na minha mesa. Kavanaugh pode começar a chegar antes de mim nas cenas dos crimes.

— Você fala como se esperasse que os assassinatos continuem.

— Depois de você publicar essa manchete, isso vai virar coisa nacional. Provavelmente vamos atrair as grandes revistas e redes de notícias da TV a cabo.

— Tenho fé em você, John. Você ganhará de todos eles.

— Inclusive de Kavanaugh?

Eu ainda não tinha decidido aquilo, mas não vi razão para chateá-lo antes que terminasse o artigo. — Você é o meu Número Um.

16.

É claro, os abutres chegaram voando. Fox News, MSNBC, *60 Minutes*, *The New York Times* e *USA Today* fizeram boletins, a maioria compilações das nossas matérias publicadas, o jeito preguiçoso do jornalista moderno de poltrona. *The Washington Post* foi a mídia tradicional a enviar um repórter de verdade. *Deadspin* e TMZ mandaram jornalistas de fofocas, prova de que as matérias com boatos de celebridades, as notícias sensacionalistas e a integridade jornalística tinham sido ofuscados por um obscuro ensopado cor de sangue.

Hardison se ergueu diante do desafio, convocando uma nova coletiva de imprensa que era uma cópia da anterior, só que, dessa vez, ele estava preparado para responder às perguntas. Bem, ele não respondeu de verdade, mas pelo menos disse alguma coisa.

— Nenhuma possibilidade foi eliminada — disse ele para o público de umas 30 e poucas pessoas, enquanto o promotor público ficava de pé ao lado. — Essa delegacia está cooperando totalmente com a SBI e com o Departamento de Polícia de Sycamore Shade para levar o criminoso à justiça.

— Então há apenas um criminoso? — perguntou um cara de cabelo curto com um microfone, que tinha um rosto feito para o rádio. Mas ele falava alto o suficiente para compensar quaisquer outras deficiências.

— É jeito de dizer — Hardison disse.

— Os cortadores de unha têm alguma importância? — gritou um dos caras da TV.

— Culpe a maldita internet! — disse o delegado, em uma rara demonstração de delicadeza. — Estamos trabalhando para descobrir a origem, mas eles podem ter vindo de qualquer lugar. Encorajamos qualquer pessoa com alguma informação a se manifestar, estamos oferecendo uma recompensa.

O promotor caminhou até o microfone e acrescentou: — A recompensa é válida apenas caso ocorra a acusação e a oferta não é válida onde seja proibida por lei.

— Delegado, você fez alguma conexão sólida entre algumas das quatro vítimas? — Kavanaugh perguntou, embora eu soubesse que ela já tinha feito a pergunta para ele em particular. Ela estava do lado oposto de onde estávamos Moretz e eu, preferindo manter nossa relação longe dos olhares do público.

Eu sabia que até mesmo Hardison era esperto demais para sair com algo sarcástico como "Bem, estão todos mortos". Ele deixou o queixo se afundar um pouco mais do que o normal, fazendo com que parecesse um cão de caça

espancado.

— Estamos verificando as histórias de família — Hardison disse. — Todas as vítimas eram moradores locais e é possível que os caminhos dela tenham se cruzado.

— Você pode divulgar mais detalhes sobre o último assassinato? — Moretz perguntou, erguendo o lápis, embora estivesse fazendo anotações no *notebook*.

O delegado olhou para ele e depois para mim. — Todas as informações foram divulgadas — disse Hardison. — Além de algumas informações que não são conhecidas.

Algumas mãos se ergueram diante da afirmação confusa, mas o delegado ergueu as mãos. — Isso é tudo por hoje — disse o delegado. — Esses crimes não se resolvem sozinhos.

A atenção nacional fez surgir um punhado de pedidos pelo correio e o editor aumentou a tiragem em mais três mil cópias.

Nossas assinaturas também tinham aumentado e Westmoreland até mesmo ousou mencionar a possibilidade de um aumento para a equipe da redação. E dizem que os jornalistas são cínicos.

17.

Jantei com Kavanaugh de novo cinco dias e duas edições mais tarde. Ela fora para Raleigh para publicar algumas histórias e trabalhar em um grande escândalo do governo, mas mantivemos contato por mensagem. Moretz achava que eu estava dando a ela informações confidenciais, mas o acordo funcionava para ambos os lados. Kavanaugh não tinha a habilidade de Moretz de estar nos lugares, mas era bastante precisa em análise e conversa fiada.

Depois de outra rodada de entradas de alho no Roman Joe, sugeri que visitássemos a cena do primeiro assassinato e caminhássemos sob o luar ao redor do lago, debatendo conexões entre as vítimas, discutindo uma série retrospectiva para fazer com que nossos leitores revivessem os crimes. E, claro, comprassem mais jornal.

— Romântico — disse ela.

— E podemos pedir reembolso da quilometragem — disse eu.

— Combinando negócios com prazer. Melhor ainda.

Chegamos ao lago em vinte minutos. A cena original do crime não estava mais cercada e tinha se tornado uma pequena atração turística. Latas de cerveja e embrulhos de hambúrgueres sujavam a mata. Fiquei um pouco triste pelo local do assassinato não ter se tornado uma espécie de santuário memorial, mas eu sabia, pela minha vasta experiência, que notícias de ontem eram notícias de ontem.

— Ele estava parado bem aqui — eu disse, medindo a distância até o lago. — Talvez ele já tivesse planejado a coisa toda ou talvez apenas tenha visto o remo e enlouqueceu.

O que ela disse em seguida me surpreendeu, mas provavelmente não deveria. — Você acha que é o Moretz, não acha?

Fiquei em silêncio por um tempo, ouvindo os grilos, os sapos e o movimento suave das ondas. — Ele é sempre o primeiro na cena do crime. Talvez o delegado esteja mais atento a ele do que imaginamos.

— Se for verdade, o delegado estragou tudo deixando mais duas pessoas morrerem antes de fazer a prisão. A carreira dele está morta e boiando.

— Assim como a terceira vítima. Com uma navalha.

— Como?

— Padrões. O negócio com o remo foi uma aberração. Mas depois foi um estrangulamento, uma navalha no pescoço e mais um estrangulamento. Apesar daquele cortador, parece que ele tem uma queda por pescoços.

— Você parece gostar do meu — disse ela.

— Junto com todo o resto. — Eu a tomei nos braços e a beijei de leve. Eu estava começando a gostar de Kavanaugh. Estava quase indo adiante quando os holofotes nos atingiram com cinco mil watts de brilho branco, deixando-me cego por um momento.

— Não se mexa! — gritou uma voz masculina.

— Coloquem as mãos onde possamos vê-las! — comandou outra.

Não imaginei que fosse terminar desse jeito. Apesar de toda a incompetência, a turma de Hardison agiu profissionalmente quando mais importava. Eu tirei a mão do bolso e deixei a navalha dobrada cair no chão.

Pensei em pegar os cortadores no outro bolso, mas imaginei que qualquer movimento brusco poderia acabar com a chance de um movimento futuro.

Kavanaugh arquejou em choque, os policiais se aproximaram para fazer o trabalho deles e tudo virou um borrão depois disso. Quando chegaram na parte de "Tudo o que disser poderá ser usado contra você no tribunal", eu simplesmente disse, "Erros foram cometidos".

18.

Minha advogada de defesa concordou em permitir que John Moretz me entrevistasse. Ela achou que eu ganharia a simpatia das pessoas que eventualmente comporiam o corpo de jurados, presumindo que o julgamento não ocorresse em outro lugar. Ou, pelo menos, a entrevista providenciaria bastante munição para a alegação de insanidade que provavelmente faríamos.

— Li seus artigos sobre a minha prisão — disse eu, sentado na mesa na sala de concreto cru, um sargento grandão nos vigiando. — Dignos de um prêmio, com certeza.

Os olhos de Moretz estavam escuros e destituídos de compaixão humana, como sempre. — Como você disse, é o assunto da história que ganha os prêmios, não o repórter.

— Eu disse isso?

— Sim.

— Eu gostei especialmente da parte em que você ligou meu computador e viu que eu tinha diagramado a manchete do dia seguinte.

— *Repórter Morta No Lago*. Eu não teria descoberto se você não tivesse digitado a manchete.

Eu citei a mim mesmo. — A polícia ficou chocada quando a quinta vítima do Cortador Rebelde foi encontrada no mesmo lugar do primeiro assassinato. Kelsey Kavanaugh, 33 anos, repórter do *News & Observer*, estava cobrindo o caso quando morreu devido a ferimentos causados aparentemente por um instrumento afiado.

— Mesmo depois de editar tantas das minhas histórias, você ainda não consegue escrever tão bom quanto eu.

— Bem — eu disse. — A gramática correta é, “Você ainda não consegue escrever tão bem quanto eu”.

— O editor sempre tem a palavra final — disse ele.

— Como está Kavanaugh?

— Você não soube?

Olhei para as paredes de concreto, o pequeno espelho de dois lados e o guarda estóico. Dei de ombros. — Não tenho saído muito.

— Ela foi no “Good Morning America”, arrumou um agente e um contrato de seis dígitos para um livro e vai ser o assunto de um especial de uma hora no Showtime.

— Boa garota. Ela merece.

Moretz se inclinou à frente, como se me estudasse. — Por que fez isso?

— Não oficialmente?

— Você me ensinou que nada é não oficial.

Dei de ombros novamente. Eu havia contraído um conveniente caso de brio de cadeia. — Pressão pelo prazo. Isso perturba depois de algum tempo.

— Você digita a manchete, deixa tudo pronto, dá uma dica de onde o corpo será encontrado. Chego na cena bem na hora para conseguir encaixar na edição seguinte. Tudo na surdina e ninguém poderia conseguir o furo antes de nós.

— Mais ou menos. Se o *Picayune* tivesse se tornado um diário como eu queria, tudo teria saído muito melhor.

— Hardison quase me prendeu por causa disso. Ele pensou que estivéssemos conspirando. Eu era o repórter policial, afinal de contas.

— Aquele remo, aquilo foi um golpe de mestre, inspirado por todas aquelas mortes e pela carnificina que caíram como uma praga bíblica logo que você chegou à cidade. Aquilo me deu uma idéia de como aumentar a circulação. Depois do primeiro, eu estava até o pescoço. Não pelos assassinatos, aquilo era só um trabalho desagradável que provavelmente quebrará suas unhas. Mas vender jornais era uma urgência.

— Você é louco.

Eu sorri. — Essa é uma opinião editorial, não um diagnóstico clínico.

— Você queria aumentar a circulação e conseguir alguns aplausos. Entendi essa parte. Mas não havia retorno real. Qual era realmente o objetivo?

Eu mesmo estivera pensando nisso, mas acho que finalmente encontrara uma resposta.

— Óbitos — disse eu.

— O obituário do jornal?

— Você lê muitos deles e eles todos viram uma enorme tigela de sopa de letrinhas. Dona de casa, mecânico aposentado, ex-militar, professora de escola. Apenas imaginei o meu obituário, minha última palavra e tudo o que eu vi foi “Editor de jornal”. Nada memorável no grande esquema das coisas. Com certeza impresso em letras pequenas.

— E agora você é famoso. Uma manchete. Howard Nance, o Cortador Rebelde.

— Bem, eu poderia ter pensado em um nome melhor, mas culpo a pressão pelo prazo.

— Todos nós escrevemos nosso próprio obituário, chefe — Moretz disse. — Todos os dias.

O guarda interrompeu e disse que nossos cinco minutos haviam terminado. Moretz permaneceu sentado quando me levantei, as algemas tilintando. — Não

dá para digitar muito bem com algemas — eu brinquei.

— Estamos todos algemados. — disse ele, finalmente dando a última palavra. — Elas apenas ficam invisíveis a maior parte do tempo.

FIM

###

Sobre o autor:

Scott Nicholson é autor de mais de 20 *bestsellers* internacionais, incluindo A Igreja Vermelha, O Anel de Caveira e O Abrigo.

Sobre o tradutor:

Thiago Ururahy é membro da República dos Escritores. É escritor e roteirista, e prepara seu primeiro romance a ser lançado em 2012.

Sobre os revisores:

A TranslaCAT (www.translacat.com) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson.

Revisão de Christiane Jost e Karine Lima

Descrição do produto:

DEPOIS: O CHOQUE

O primeiro livro da série pós-apocalíptica DEPOIS de um autor internacional campeão de vendas.

Uma gigantesca tempestade solar acaba com a infraestrutura tecnológica do mundo e mata bilhões de pessoas. Enquanto os sobreviventes lutam para se adaptar e sobreviver, percebem que algo entre eles… mudou.

Rachel Wheeler está sozinha na cidade, onde violentos sobreviventes chamados de “sequelados” vagam pelas ruas numa onda de assassinatos e destruição. Sua única esperança é chegar às montanhas, onde o avô — um lendário sobrevivencialista — estabeleceu um complexo para se preparar para o juízo final.

Outros sobreviventes estão fugindo da cidade, mas os sequelados não são o único perigo. Bandos desgarrados de militares querem impor a própria ordem nas ruínas decadentes da civilização. Quando Rachel descobre um menino de 10 anos, seu ímpeto é cuidar dele, arriscando a própria vida, se necessário.

Os sequelados, no entanto, estão evoluindo, desenvolvendo habilidades enquanto destroem a sociedade que acabarão por substituir.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00IK7E8EO

RETIRO MACABRO

Um suspense gótico moderno.

Após a parapsicóloga Anna Galloway ter sido diagnosticada com câncer avançado, ela teve um sonho recorrente no qual vê o próprio fantasma. O cenário do sonho era o histórico Solar Korban, agora um retiro para artistas numa remota área das Montanhas Apalaches. Levada tanto pelas histórias de fantasma que rondavam as redondezas do solar quanto pelo próprio senso de destino, Anna inscreve-se para o retiro.

O escultor Mason Jackson veio ao Solar Korban para sua última e derradeira tentativa de sucesso antes de desistir de seus sonhos. Quando ele fica obcecado com a ideia de esculpir a forma de Ephram Korban em madeira, começa a questionar sua motivação, mas é engolfado por um frenesi criativo irresistível.

O solar possui seus segredos, com fogos que queimam eternamente nas lareiras, retratos de Korban em todos os aposentos e espelhos misteriosos nas paredes. Com a lua azul de outubro espreitando, tanto os vivos quanto os mortos aprendem sobre o real poder dos sonhos.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00FW6R6TU/

DESINTEGRAÇÃO

Quando um incêndio misterioso destrói sua casa e mata a filha pequena, Jacob Wells é jogado em uma espiral descendente que o leva cada vez mais para perto de um passado que ele julgava morto e enterrado.

Agora, seu irmão gêmeo Joshua está de volta, procurando saldar velhas dívidas e reclamar sua metade da herança dos Wells. A esposa de Jacob, Renee, luta com a própria culpa, pois o casal havia perdido outra filha vários anos antes.

À medida que Jacob e Joshua voltam aos papéis invertidos que adotaram nas mãos de pais cruéis e exigentes, eles entram em uma guerra de orgulho, riqueza e paixão. Eles dividem o amor venenoso de uma mulher que, com prazer, arruinaria ambos: Carlita, uma hispânica provocante e manipuladora cuja família imigrante ajudara a construir a fortuna dos Wells.

Se pelo menos Jacob descobrisse a quem culpar... Mas as linhas da identidade estão misturadas, pois Joshua e Jacob compartilham muito mais do que o sangue.

E os jogos infantis tornaram-se mortalmente sérios.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAYC3K
http://www.authorscottnicholson.com/desintegracao/

A IGREJA VERMELHA

Para Ronnie Day, de 13 anos, a vida é cheia de problemas: Papai e Mamãe se separaram, o irmão Tim é uma peste constante, Melanie Ward o ama ou o odeia, e Jesus Cristo não fica em seu coração. Além disso, ele tem que passar pela igreja vermelha todos os dias, onde o Monstro do Sino se esconde com suas asas e garras e fígado nos olhos. Mas o maior problema é que Archer McFall é o novo pregador da igreja, e Mamãe quer que Ronnie assista aos serviços da meia-noite com ela.

O delegado Frank Littlefield odeia a igreja vermelha por um motivo diferente. Seu irmão menor morreu em um terrível acidente na igreja há vinte anos, e agora Frank começou a ver o fantasma do irmão. E o fantasma exige: "Liberte-me". As pessoas estão morrendo em Whispering Pines, e os assassinatos coincidem com o retorno de McFall.

Os Day, os Littlefield e os McFall são descendentes das famílias originais que povoaram a comunidade rural das Apalaches. Essas famílias antigas compartilham um segredo de traição e culpa, e McFall quer que a congregação prove sua fé. Porque ele acredita que seja o Segundo Filho de Deus, e que a purificação dos pecados deve ser feita com sangue.

— Sacrifício é a moeda de Deus — prega McFall, e, a não ser que Frank e Ronnie o detenham, todos pagarão.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B009XZQELM
http://www.authorscottnicholson.com/a-igreja-vermelha/

O ANEL DE CAVEIRA

O passado de Julia Stone volta rastejando quando ela descobre um estranho anel de prata e três homens a desejam. Escolher o homem errado pode custar não apenas seu coração, mas sua alma.

A Dra. Pamela Forrest está determinada a trazer à superfície as memórias de Julia, na esperança de curar sua síndrome do pânico. A terapeuta faz com que Julia volte repetidas vezes a uma noite vinte e três anos atrás, quando Julia estava com quatro anos. Uma noite com pessoas encapuzadas, estranhos cânticos, dor e sangue. A noite na qual seu pai desapareceu da face da terra.

Mas a linha que divide o passado do presente começa a ficar fora de foco quando Julia descobre um anel de caveira prateado que tem o nome “Judas Stone”. Alguém está deixando estranhas mensagens dentro de sua casa, mesmo com a porta trancada. O faz-tudo, que possui a chave, passa um bom tempo na floresta atrás de sua casa. Seu namorado, Mitchell, se torna distante e violento. E o policial que investigou o desaparecimento de seu pai a seguiu até a pequena cidade de Elkwood.

Agora ela possui uma mente cheia de lembranças, mas não sabe quais delas

são reais. As sombras do pânico de Julia estão ficando maiores e mais escuras. Mas sucumbir à loucura parece mais seguro do que atender ao chamado dos sussurros que reivindicam domínio sobre seu corpo e alma.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B009XZXSXY
http://www.authorscottnicholson.com/o-anel-de-caveira/

O ABRIGO

Freeman Mills, um garoto de doze anos, chega ao abrigo para menores desajustados Wendover para um recomeço em sua vida. Recomeços não são fáceis para Freeman, vítima de experiências dolorosas na infância que lhe conferiram o dom de ler a mente.

Em Wendover, Freeman e as outras crianças estão sujeitas a mais experiências secretas organizadas por uma misteriosa instituição secreta chamada Fundação. As experiências, porém, produzem outros resultados além de poderes de clarividência: os campos eletromagnéticos usados nas experiências provocam manifestações dos espíritos dos pacientes que morreram em Wendover quando o prédio sediava um manicômio.

Até que a Fundação traz um cientista novo para o projeto, um cruel e instável pioneiro em estudos de percepção extrassensorial que realizava a maior parte do seu trabalho usando uma cobaia muito especial: o filho Freeman Mills.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00A0R9BDU/
http://www.authorscottnicholson.com/o-abrigo/

AMOR MORTO, AMOR ETERNO

O detetive Richard Steele precisa resolver seu caso mais difícil — o próprio assassinato — enquanto se divide entre mulheres em ambos os lados do túmulo. Lee, a namorada, está afundada até o pescoço na confusão que o detetive deixou para trás e a falecida esposa o aguarda no além, com sede de vingança.

Numa corrida contra o tempo, Richard enfrenta seus muitos fracassos e um poder além de sua compreensão — o amor. Sua única arma é a fé, e a munição está acabando.

Este vai ser um baita confronto final.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CR4MFNM
http://www.authorscottnicholson.com/amor-morto-amor-eterno

ESPÍRITOS AFOGADOS

Um escritor aceita um trabalho em uma ilha remota no Oceano Atlântico, onde encontra uma mulher misteriosa que pede sua ajuda. Mas logo ele descobre que ela está presa no passado e pode estar tentando atraí-lo para que junte-se a

ela sob as ondas, para sempre.

Um conto de 5.300 palavras.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B005NWFEQ0
http://www.authorscottnicholson.com/espiritos-afogados/

DIA DE BALÃO

Toda criança adora um balão colorido.

Matina, claro, quer muitos balões em seu aniversário de seis anos. O pai tenta satisfazer seu desejo, mas os balões que entram na história não têm um final feliz.

Por fim, a surpresa de papai supera as expectativas e faz do aniversário de Matina um evento inesquecível!

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAXGGY
http://www.authorscottnicholson.com/dia-de-balao/

Páginas Policiais
Autor
Produto

Table of Contents

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
Sobre o autor:
Descrição do produto: